



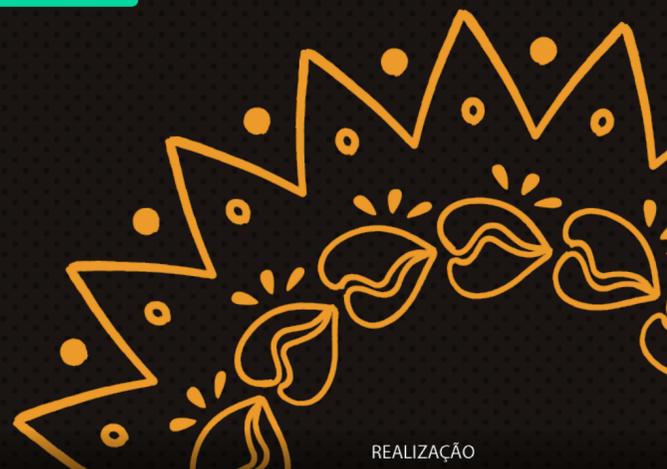
CURADORIA E ORGANIZAÇÃO



MOSTRA TATURANA DE CINEMA

2021 DEMOCRACIA E ANTIRRACISMO

Catálogo e
MATERIAL DE APOIO
a exibidores



APOIO



PARCEIROS



REALIZAÇÃO



Secretaria de Cultura e Economia Criativa

SUMÁRIO

04

2ª Mostra Taturana de Cinema 2021 - Democracia e Antirracismo

- 04 Visão da curadoria
- 05 Conexão Brasil-Portugal
- 06 Quem organiza

07

Como usar este material

08

Eixos temáticos

- 08 Experiências do corpo e da fé: religiosidade, estética e antirracismo
- 13 Em Defesa da Vida: direito ao território e ao modo de viver
- 17 Árvore da Memória: busca da ancestralidade e combate ao apagamento e à invisibilidade
- 21 Muros do Racismo: estruturas e fronteiras geográficas, materiais e simbólicas

25 Vidas Negras Importam: violência de Estado e genocídio da população negra

29 Outras Histórias Possíveis: memória, vozes e disputa de narrativas

33

ENTREVISTA: Democratização do acesso ao cinema, juventudes e antirracismo (Thais Scabio - APAN)

37

MANIFESTO: Enquanto houver racismo, não haverá democracia (Coalizão Negra Por Direitos)

39

Filmes



FICHA TÉCNICA

MATERIAL COMPLEMENTAR

Coordenação Editorial
Taturana Mobilização Social

Pesquisa e edição de textos
Guilherme Petro e Livia Almendary

Consultoria para conteúdos
**Coalizão Negra por Direitos e
TozziniFreire Advogados**

Projeto gráfico e diagramação
Babi Sonnewend

Revisão
Beatriz Cruz



Você pode
_copiar, distribuir, transmitir
_criar obras derivadas

Desde que
_atribua a autoria original
_não utilize para fins comerciais
_compartilhe sob a mesma licença

MOSTRA TATURANA

Coordenação geral: Taturana Mobilização Social, Coalizão Negra por Direitos, Associação dos Profissionais do Audiovisual Negro (APAN) e Wonder Maria Filmes (Portugal)

Curadoria: Anna Andrade (APAN), Carol Misorelli (Taturana Mobilização Social), Fernanda Polacow (Wonder Maria Filmes), Jéssica Ferreira (Coalizão Negra por Direitos), Livia Almendary (Taturana Mobilização Social), Maíra Zenun (Nêga Filmes), Patrícia Toni (Coalizão Negra por Direitos) e Uilton Oliveira (APAN)

Coordenação de Produção: **Beatriz Cruz**

Assistente de produção: **Thais Alves dos Santos**

Produção Portugal: **Stella Zimmerman**

Coordenação de Mobilização: **Amanda Letícia**

Coordenação de Comunicação: **Daiane Amaral**

Assistente de Comunicação e mídias sociais: **Adriane Primo**

Comunicação Portugal: **Maíra Zenun**

Projeto Gráfico: **Flávia Lopes (Coalizão Negra por Direitos)**

Cartaz, site e design digital: **Babi Sonnewend**

Assessoria de Imprensa: **DAC Comunicação**

Podcast: **Podcast s/ nome, porém preto**

Vinhetas: **Giovanni Altoé**

DCPs: **Max M. Fuhlendorf**

Financeiro: **Burocras**



VISÃO DA CURADORIA



A 2ª Mostra Taturana de Cinema: Democracia e Antirracismo, realizada em parceria com a Coalizão Negra por Direitos, Associação dos Profissionais do Audiovisual Negro (APAN) e Wonder Maria Filmes (Portugal), reúne curtas e longas-metragens documentais, brasileiros e de outros países, sob a premissa de que não é possível falar em democracia sem se comprometer com a luta antirracista.

Se a imagem desempenha um papel fundamental na sociedade contemporânea, para falar em democracia também é necessário descolonizar o olhar.



Da perspectiva do racismo estrutural – quando as práticas institucionais, históricas, culturais e interpessoais inferiorizam e prejudicam sistematicamente um grupo social ou étnico em benefício de outro, e isso baliza o funcionamento de uma sociedade –, as ordens imaginárias não escapam da lógica de dominação. A repetição de imagens – no cinema, na mídia, nas redes – muitas vezes torna familiar e naturaliza concepções que ajudam a construir, apoiam e mantêm opressões como racismo, sexismo,

estigmatização de grupos historicamente discriminados e exterminados pela dominação de matriz colonial, que persiste no mundo globalizado de hoje.

O cinema pode ser uma ferramenta privilegiada para combater e romper com esses modelos hegemônicos de ver, pensar e representar o outro dentro de uma lógica de opressão. Ver-se em outra perspectiva, imaginar-se, descrever-se e reinventar-se pelo cinema é uma forma de descolonizar imaginários, interrogar as matrizes de representação opressoras e criar estratégias para a construção de outras, que em vez de reduzir, multiplicam as possibilidades de existência na ideia de diversidade.

É com esse olhar que a curadoria, composta por integrantes das organizações que coordenam a Mostra, selecionou 23 filmes dirigidos apenas por pessoas negras e indígenas e organizou diversas atividades (debates, encontros, oficinas e mais) relacionadas às questões abordadas pelas obras. No fim desta publicação, é possível consultar mais informações e a ficha técnica de todos os filmes.

Os filmes e as atividades da Mostra foram divididos em seis eixos temáticos: Experiências do corpo e da fé: religiosidade, estética e antirracismo; Em defesa da vida: direito ao território e ao modo de viver; Árvore da memória: busca da ancestralidade e combate ao apagamento e à invisibilidade; Muros do racismo: estruturas e fronteiras geográficas, materiais e simbólicas; Vidas negras importam: violência de Estado e genocídio da população negra; Outras histórias possíveis: memória, vozes e disputa de narrativas. Esses mesmos eixos temáticos orientam a divisão dos capítulos deste material complementar.

A Mostra abre, ainda, uma conexão direta com Portugal: parte da programação foi pensada especificamente para estabelecer diálogos com este país de histórico colonizador. Assim, filmes de realizadores que trazem histórias vividas no continente africano e nas diásporas, em países como Angola, Guiné e Quênia, além de Portugal, somam-se à programação do encontro, proposto como espaço de diálogo e comprometimento.



CONEXÃO BRASIL-PORTUGAL

A 2ª Mostra Taturana de Cinema: Democracia e Antirracismo acontece a partir de uma parceria inédita entre Brasil e Portugal, com o propósito de promover uma reflexão conjunta sobre o racismo estrutural que atravessa ambos os países, enquanto sociedades formadas a partir do processo colonial europeu. Em Portugal, a Mostra é realizada pela produtora Wonder Maria Filmes, com o apoio da Empresa de Gestão de Equipamentos e Animação Cultural (EGEAC), SOS Racismo, Plataforma Buala e Instituto da Mulher Negra em Portugal (INMUNE).

Este ano, a Mostra promove uma reflexão sobre questões enraizadas na estrutura econômica e cultural dos cotidianos brasileiro e português, mas que os extrapolam: estão também nas heranças deixadas pelo colonialismo e pela escravização em outros territórios com passado semelhante. Entender o porquê

de determinadas situações e violências serem práticas comuns que se repetem nesses e em outros países – relacionadas ao tratamento que o Estado e outros setores sociais dedicam às populações colonizadas – é urgente e imprescindível.

No sentido de ampliar a rede de combate a essas continuidades, foram incluídas na programação deste ano – voltada também para Portugal –, oito obras cinematográficas produzidas por realizadores que trazem histórias vividas no continente africano e nas diásporas, e que configuram e adensam essa conexão: *Sementes - mulheres negras no poder* (2020), das brasileiras Éthel Oliveira e Júlia Monteiro; *Filhas de Lavadeiras* (2019), da brasileira Edileuza Penha; *Entremarés* (Brasil, 2018), da brasileira Anna Andrade; *Bastien* (2016) e *Arriaga* (2019), ambos realizados em Portugal pelo balanta Welket Bungué; *O Bocado*

da Cova da Moura que Há em Nós (2014), dos luso-caboverdianos Edson Diniz e Edu Semedo; *Travessia* (2017), da brasileira Safira Moreira; *Dor Fantasma: Uma carta a Henry A. Kissinger* (2020), realizado pelo angolano Kiluanji Kia Henda

Esses oito filmes, escolhidos por uma curadoria em Portugal, somam-se à seleção e ao propósito inicial da Mostra, para colocar em destaque questões que abalam tanto o Brasil quanto Portugal, mas não só: dialogam com a prática antirracista como forma de organização estratégica e de luta, fundamental para o seu enfrentamento de maneira inequívoca e consciente.





REALIZAÇÃO

TATURANA MOBILIZAÇÃO SOCIAL

<http://taturanamobi.com.br/>

A Taturana Mobilização Social é uma distribuidora de filmes com foco em impacto social, constituída como associação sem fins lucrativos. Atua em circuitos comerciais e não comerciais com o objetivo de democratizar o acesso ao cinema e potencializá-lo como ferramenta de impacto e engajamento social. Fundada em 2013, já difundiu e criou campanhas para mais de 40 filmes. Também concebe e realiza outros projetos de impacto social a partir de obras audiovisuais, como a Mostra Taturana de Cinema.

A Taturana mobiliza parceiros em todo o Brasil e articula redes culturais que ampliam a difusão de obras audiovisuais e debates urgentes em espaços como centros culturais, cineclubes, escolas, organizações e instituições sociais, pontos de cultura, universidades, coletivos, praças e equipamentos públicos.

APAN

<https://apan.com.br/>

A Associação dos Profissionais do Audiovisual Negro (APAN) é uma instituição de fomento, valorização e divulgação de realizações audiovisuais protagonizadas por negras e negros bem como a promoção de profissionais também negros para o mercado audiovisual.

Desta forma, são pilares estruturantes de formação, constituição e política da APAN a valorização da negritude e a defesa dos interesses de uma perspectiva inclusiva com atenção ao recorte racial em relação a todos os elos da cadeia produtiva audiovisual, sendo eles a concepção, produção, distribuição e exibição. Neste sentido, a APAN representa estes interesses perante órgãos públicos, fundações, instituições, ONGs e empresas privadas, no Brasil e no Mundo.

COALIZÃO NEGRA POR DIREITOS

<https://coalizaonegrapordireitos.org.br/>

A Coalizão Negra por Direitos reúne 250 organizações, grupos e coletivos do movimento negro brasileiro para promover ações conjuntas de incidência política nacional e internacional. As entidades definem estratégias para intensificar o diálogo com o Congresso Nacional e com instituições como a Organização das Nações Unidas (ONU) e a Organização dos Estados Americanos (OEA) sobre a pauta racial, além de fortalecer ações nos estados e municípios brasileiros nesse sentido.

WONDER MARIA FILMS

<http://www.wondermaria.com/>

A Wonder Maria Films é uma produtora com sede em Lisboa, Portugal. Foi fundada no ano pandêmico de 2020 por quatro amigos com experiências profissionais em roteiro, produção e direção de cinema. Tem como objetivo criar e produzir projetos relevantes social e politicamente para um mundo desesperado por mudanças.





COMO USAR ESTE MATERIAL



A **2ª Mostra Taturana de Cinema: Democracia e Antirracismo** acontece entre os dias 14 e 19 de setembro de 2021, semana em que se celebra o **Dia Internacional da Democracia**. Foi pensada de forma híbrida em razão da pandemia de Covid-19: a maioria das exibições e atividades é online, e algumas poucas são presenciais, com público reduzido e todos os protocolos.

Após a semana de programação principal, a **Mostra** circula junto a parceiros de todo o país com o objetivo de ampliar debates e democratizar o acesso ao cinema.

Este material é destinado a fomentar e alimentar diálogos sobre os filmes durante essa itinerância, junto aos parceiros exibidores, ou em qualquer outro ambiente de formação. Também pode ser usado por qualquer pessoa interessada nos temas do evento. É uma **publicação de aprofundamento** e, ao mesmo tempo, **catálogo da Mostra**.

Os capítulos foram divididos de acordo com os **seis eixos temáticos** da Mostra [veja o

texto da curadoria]. Em cada um deles, há um **texto principal** que associa e contextualiza os filmes em relação à temática do eixo, por meio de diversas referências. Em seguida, os boxes trazem **conteúdos complementares** ao texto principal, com dados, conceitos, trechos de entrevistas ou produções das instituições parceiras da Mostra.

Na seção **Reflexão e ação**, propõem-se atividades e/ou caminhos de reflexão, individuais ou em grupo, sobre assuntos provocados pelos filmes. O objetivo é fazer com que o conhecimento e a experiência se espalhem para além dos filmes e dos espaços de exibição. Em **Para saber mais**, há sugestões de outros materiais que podem trazer novos pontos de vista e conteúdos relacionados ao eixo temático. No fim de cada capítulo, estão as **Referências** de todos os materiais consultados.

Na entrevista **Democratização do acesso ao cinema, juventudes e antirracismo**, Thais Scabio, vice-presidenta da APAN, conta sua experiência enquanto mulher negra e cineasta. Aborda ainda o audiovisual como instrumento de ampliação de vozes

e combate ao racismo, reflete sobre o atual cenário do setor para profissionais negres, fala sobre juventudes e produção audiovisual e sobre público consumidor de cinema.

Por fim, o manifesto **Enquanto houver racismo, não haverá democracia**, da Coalizão Negra por Direitos, evoca a luta histórica por uma verdadeira democracia, livre do racismo e de qualquer outra forma de opressão.

Aproveite a leitura, assista, reflita, dialogue e compartilhe. Vamos juntas!





EXPERIÊNCIAS DO CORPO E DA FÉ

RELIGIOSIDADE, ESTÉTICA E ANTIRRACISMO

Cavalo (Brasil, 2020)

Joãosinho da Goméa
- O Rei do Candomblé
(Brasil, 2019)

Em *Experiências do corpo e da fé: religiosidade, estética e antirracismo*, os filmes abordam a questão do corpo e da estética como expressão da própria identidade e ancestralidade, além de tocarem na questão do racismo religioso – aprofundada neste capítulo – que persegue e marginaliza religiões de matriz africana.



EXPERIÊNCIAS DO CORPO E DA FÉ

RELIGIOSIDADE, ESTÉTICA E ANTIRRACISMO

O curta *Joãosinho da Goméia - O Rei do Candomblé* (Brasil, 2020) conta a história do babalorixá baiano João Alves de Torres Filho, que foi para Duque de Caxias (RJ) nos anos de 1940 e fundou o Terreiro da Goméia. No filme, o próprio babalorixá narra sua trajetória, enquanto sua voz em off é atravessada por diversas imagens de arquivo que ressaltam suas performances provocadoras e transgressoras, sua indumentária colorida e sua forma de circular no espaço da cidade, no carnaval, em teatros. A expressão artística pelo corpo acontece, aqui, associada ao contexto religioso, este não dissociado de outras manifestações culturais. O curta aborda, ainda, a questão do **racismo religioso**.



Fotograma do filme *Joãosinho da Goméia - O Rei do Candomblé*

Em religiões de matriz africana, o **corpo e o movimento** fazem parte dos rituais necessários para a **conexão com o sagrado**, a partir da relação entre o conhecimento e a corporeidade, tanto da própria matéria quanto da entidade. O samba de caboclo, por exemplo, é uma manifestação dentro dos terreiros que traz a dança como vínculo com as divindades.

Essas expressões artísticas e estéticas do corpo em movimento podem se manifestar nas danças afro-brasileiras, que mesmo fora de espaços religiosos, muitas vezes são estigmatizadas e perseguidas pelo racismo estrutural. Por exemplo, o samba e o funk são manifestações culturais que nasceram em comunidades periféricas de grandes cidades de contextos afrodiaspóricos, e com o tempo conquistaram outros espaços, ao mesmo tempo que também sofreram historicamente (e ainda sofrem) tentativas de criminalização.

Em *Cavalo* (Brasil, 2020), a **dança surge como busca da identidade**: no enredo, que mistura ficção e documentário, sete jovens dançari-



Fotograma do filme *Cavalo*

nos são provocados a um mergulho em suas ancestralidades. A dança e a **expressão artística pelo corpo são formas de construção de identidade**. Na jornada que percorrem, os jovens buscam a memória no próprio corpo. "Cavalo" é também o termo usado em religiões afro-diaspóricas, como a Umbanda e o Candomblé, para denominar os praticantes que são capazes de receber entidades. A incorporação do cavalo não é apenas mental ou espiritual: passa por todo o corpo.

Ambos filmes abordam, assim, a **questão do corpo e da estética** em contextos que misturam expressão artística, religiosidade e ancestralidade.

DIREITO À LIBERDADE RELIGIOSA: RESISTÊNCIA E AÇÕES DO MOVIMENTO NEGRO

As religiões de matriz africana são o principal alvo de **racismo religioso** no Brasil. Uma breve busca na internet resulta em notícias abundantes sobre terreiros queimados, por exemplo, além de casos de injúrias e ameaças. Dados da Comissão de Combate à Intolerância Religiosa do Rio de Janeiro (CCIR) mostram que mais de 70% dos casos de ofensas, abusos e atos violentos registrados no estado entre 2012 e 2015 foram contra praticantes de religiões de matrizes africanas.

O **tema está na pauta do movimento negro brasileiro**, que denuncia sistematicamente essa violência e pressiona o poder

público e a sociedade pelo direito à justiça e à liberdade religiosa. No Rio de Janeiro, no início de 2021, por pressão dos movimentos sociais, foram sancionadas duas leis: a Lei n. 9251/2021, que determinou o tombamento do Terreiro de Joãosinho da Goméia por interesse histórico e cultural do Estado, e a lei Lei N° 9259/2021, que estabeleceu o Dia Estadual de Conscientização contra o Racismo Religioso (Dia Joãosinho da Goméia, 27 de março) no calendário oficial de datas comemorativas do estado do Rio.

RACISMO RELIGIOSO: CONCEITO E CONSEQUÊNCIAS

O termo "racismo religioso" refere-se a práticas discriminatórias com base em religiões, credos, cultos ou quaisquer manifestações religiosas. O conceito de racismo religioso está previsto na Lei 7.716/1989, conhecida como **Lei do Racismo**, que estabelece punição a crimes "resultantes de discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional" (artigo 1º).

Estabelece a lei as consequências para aquele que:

Art. 20. **Praticar, induzir ou incitar a discriminação ou preconceito** de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional. Pena: reclusão de um a três anos e multa.

O **Código Penal Brasileiro** prevê a **injúria racial**, que significa injuriar alguém, ofendendo a dignidade ou o decoro com base em elementos fundados em raça, cor, etnia, religião, entre outras características da pessoa (artigo 140, §3º).

O Estatuto da Igualdade Racial (Lei 12.288/2010)

prevê o conceito de discriminação racial como toda distinção, exclusão, restrição ou preferência baseada em raça, cor, descendência ou origem nacional que tenha o objetivo ou consequência de restringir direitos políticos, econômicos, sociais, culturais ou em qualquer campo da vida. O Estatuto foi elaborado com o objetivo de "garantir à população negra a efetivação da igualdade de oportunidades, a defesa dos direitos étnicos individuais, coletivos e difusos e o combate à discriminação e às demais formas de intolerância étnica". Um dos direitos previstos no Estatuto é a liberdade de consciência, de crença e de exercício de cultos religiosos, com proteção dos locais e liturgias de cultos de matriz africana (artigo 23 e 24).

Ainda que o **Estatuto da Igualdade Racial** preveja expressamente a proteção às religiões de matriz africana, o conceito de racismo religioso também inclui outras religiões que sofrem discriminação no Brasil. Com esse fundamento, um editor de livros foi condenado pelo STF em 2003 por incitar o ódio contra o povo judeu.

O combate ao racismo religioso também tem base na **Constituição Federal**, que prevê que todos são iguais perante a lei, sendo "inviolável a liberdade de consciência e de crença" e "assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias" (artigo 5º, I).

O racismo, segundo a Constituição, é crime inafiançável e imprescritível!

O Brasil adota, ainda, em âmbito internacional, a **Convenção Interamericana contra o Racismo, a Discriminação Racial e Formas Correlatas de Intolerância** (promulgada em 2021). A Convenção traz o conceito de **discriminação racial indireta** (artigo 1º, 2), também aplicável ao racismo religioso. Significa qualquer prática, norma ou critério que aparente ser neutro, mas que gere uma desvantagem particular para pessoas de um grupo – ou religião – específico, dificultando ou inviabilizando que exerça algum dos direitos e liberdades.

[conteúdo: TozziniFreire Advogados]

REFLEXÃO E AÇÃO

Mercedes Baptista (1921-2014) foi a **primeira mulher negra a fazer parte do corpo de baile do Teatro Municipal do Rio de Janeiro**, em 1948. Foi precursora na forma como a dança afro-brasileira é entendida hoje, decodificando a movimentação sagrada dos orixás em uma dança que passou a ser levada para os palcos. Você conhece alguma **vertente de dança afro**? Que tal pesquisar mais e, quem sabe, fazer uma aula?

Conhecer e divulgar **casos de vitória contra o racismo religioso** fortalece a resistência, promove a tolerância e inspira a ação. Pesquise e compartilhe entre seus pares ações por justiça, memória e reparação relacionadas a religiões de matriz africana, como os exemplos citados aqui.

PARA SABER MAIS

Em Salvador, em maio de 2021, os terreiros do bairro do Engenho Velho da Federação lançaram um **Memorial Digital** que conta a história da "Caminhada pelo Fim da Violência e do Ódio Religioso, pela Paz!". O acervo ressalta o compromisso político, social e cultural que a Caminhada possui em 16 anos de **enfrentamento às diversas manifestações de violência sofridas pelo povo de terreiro**, e o engajamento das lideranças religiosas e sociais na organização do evento. Acesse o Memorial Digital **"Caminhos da Sagrada Resistência: histórias e memórias no território negro do engenho velho da federação"**.



REFERÊNCIAS

- Brasil de Fato: **"Por que Racismo Religioso e não apenas Intolerância Religiosa?"**
- Coalizão Negra por Direitos: **"Terreiros do Engenho Velho da Federação Lançam Memorial Digital"**
- **Instituto de Segurança Pública do Rio de Janeiro (ISP)**
- LIMA, Nelson. **Dando conta do recado: A dança afro no Rio de Janeiro e as suas influências**. Rio de Janeiro, 2005 (Dissertação de mestrado)
- Portal Geledés: **"Por que as religiões de matriz africana são o principal alvo de intolerância religiosa no Brasil?"**
- Tombamento do Terreiro de Joãosinho da Goméia por interesse histórico e cultural do Estado - **Lei nº 9.251 - 22/04/2021 - Rio de Janeiro**



EM DEFESA DA VIDA
DIREITO AO TERRITÓRIO
E AO MODO DE VIVER

A Sússia

(Brasil, 2018, dir. Lucrécia Dias)

Entremarés

(Brasil, 2018, dir. Anna Andrade)

Nhemongueta Kunhã Mbaraete

(Brasil, 2020, dir. Michele Kaiowá,
Graciela Guarani, Patrícia Ferreira
Pará Yxapy e Sophia Pinheiro)

Em defesa da vida: direito ao território e ao modo de viver retrata saberes tradicionais e modos de viver, ancorados em territórios e territorialidades. São abordadas questões indígenas e quilombolas, como lutas e resistências no conflito pela terra e o racismo socioambiental.



EM DEFESA DA VIDA

DIREITO AO TERRITÓRIO E AO MODO DE VIVER

A resistência e os **modos de viver** de grupos de mulheres, indígenas e quilombolas em seus territórios são temas transversais aos filmes ***A Sússia*** (Brasil, 2018), ***Entremarés*** (Brasil, 2018) e ***Nhemongueta Kunhã Mbaraete*** (Brasil, 2020).



Fotograma do filme *A Sússia*

No curta ***A Sússia***, o fio condutor é a dança que dá nome ao filme, típica do interior do Tocantins. Essa manifestação artística remete aos tempos dos quilombos, com danças em círculos ao som de tambores, cuícas, violas, pandeiros e caixas. Os moradores da Comunidade Quilombola Lagoa da Pedra conectam passado e presente e **recontam sua própria história** ao lembrar e recriar as tradições de música e dança da sússia.

Em ***Nhemongueta***, a troca de vídeo-cartas entre mulheres indígenas e uma não-indígena, sob uma perspectiva afetiva, passa por diversas questões, entre elas o conflito pela terra e o chamado **racismo ambiental** – quando po-

pulações vulnerabilizadas, como as quilombolas e indígenas, são submetidas à degradação ambiental, entre outros fatores, por sua exclusão de espaços institucionais de tomada de decisões. O desmatamento e a mineração em terras indígenas ou ainda a poluição das águas usufruídas por populações tradicionais, são alguns exemplos.

Em ambos filmes, a questão da **autorrepresentação** é central. Em ***A Sússia***, aborda-se o fato da comunidade quilombola e seus saberes serem frequentemente objetos de pesquisas externas, de pessoas que se utilizam desses conhecimentos sem dar nenhum tipo de retorno. A produção de um material audiovisual feito apenas por moradores de lá prioriza as narrativas locais e fortalece a autoestima do grupo como um todo, a partir de um olhar cuidadoso e não-estereotipado das pessoas e suas práticas. Em ***Nhemongueta***, a autorrepresentação, com sua abordagem poética, aproxima a narrativa do “ver no sonho”, trazendo aspectos da **cosmovisão indígena** dos Guarani Mbyá.

O curta ***Entremarés*** retrata a **luta de mulheres** que vivem da pesca de sururu e camarão na Ilha de Deus, cercada pelos rios Jordão, Tejipió



Fotograma do filme *Nhemongueta Kunhã Mbaraete*

e Pina, em Recife. Considerado um dos maiores manguezais urbanos do país, durante muitos anos, a região foi esconderijo de criminosos e atingiu altos índices de violência. Esse cenário só começou a mudar após a articulação das mulheres líderes comunitárias do bairro, que pautaram a necessidade de políticas públicas de revitalização ambiental e projetos sociais e de infraestrutura, como a construção de uma ponte de concreto, que foi batizada de Vitória das Mulheres. Hoje, a ilha é um símbolo de resistência social e urbana.

Os três filmes mostram diferentes modos de viver, a resistência e a **luta por justiça** socioambiental. Reafirmam que a garantia dos **bens comuns** (as águas, os territórios, as florestas etc.) e da **diversidade cultural** só é possível a partir da **ação política organizada** de forma autônoma por **comunidades e redes**.



TERRITÓRIOS INDÍGENAS E QUILOMBOLAS ESTÃO EM PERIGO!

Cerca de 75% da **população quilombola** vive em situação de extrema pobreza, dispondo de precário acesso às redes de serviços públicos, aponta uma pesquisa do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Apenas 15% dos domicílios têm acesso à rede pública de água e 5% à coleta regular de lixo, e em 89% dos domicílios o lixo doméstico é queimado. Só 0,2% estão conectados à rede de esgoto e de águas pluviais. A população quilombola também não consta como destinatária de políticas públicas específicas no Plano Plurianual (PPA) 2020-2023.

Essa situação de vulnerabilidade extrema virou tema de denúncia na Organização das Nações Unidas (ONU). A declaração foi feita pela Coordenação Nacional de Comunidades de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas (CONAQ), a Coalizão Negra Por Direitos e a Terra de Direitos na 45ª Sessão

do Conselho de Direitos Humanos do Grupo de Trabalho Sobre Pessoas de Descendência Africana.

Enquanto isso, o **PL 490/2007**, que prevê alterações nas regras de **demarcação de terras indígenas** tramita no Congresso desde 2007 e segue avançando. Enquanto não forem garantidos os direitos indígenas, especialmente o direito de permanecerem em seus territórios; reconhecida a titularidade e as liberdades e direitos dela decorrentes, como o usufruto das terras demarcadas; abolida a proposta de marco temporal para restrição da permanência nas florestas, não haverá democracia. Enquanto perdurar o genocídio de povos indígenas e da população negra, não haverá democracia.

[conteúdo: Coalizão Negra por Direitos]

REFLEXÃO E AÇÃO

O termo **racismo ambiental** foi usado pela primeira vez em 1981, por Benjamin Franklin Chavis Jr., importante liderança negra dos Estados Unidos na luta pelos direitos civis, fruto da pesquisa que o ativista realizava sobre a relação entre resíduos tóxicos e a população negra norte-americana. E no Brasil? Em que âmbitos e casos esse termo é usado?

No **Acre**, onde 70% da população se autodeclara preta ou parda, segundo o IBGE, 130 mil pessoas foram atingidas pela cheia de rios na capital e no interior do estado no início do ano, resultando na declaração de **estado de calamidade pública** em 10 cidades. Os altos níveis de água provocaram ainda um surto de dengue no estado, agravando a crise de saúde pública provocada pela Covid-19. No entanto, o governo federal se manteve omissivo e pouca **mobilização pública** sobre o assunto foi vista. Você acompanhou o assunto? Acha que se fosse em uma região do eixo Sul-Sudeste, por exemplo, a cobertura da mídia seria diferente?

PARA SABER MAIS

DEALDINA, Selma dos Santos; RIBEIRO, Djamila (Coord.). **Mulheres Quilombolas: Territórios de Existências Negras Femininas**. São Paulo: Jandaira, 2020. ([Mais informação](#))

Brasil de Fato - PE: ["História da Ilha de Deus é contada pelas mulheres"](#)

Nós, Mulheres da Periferia: ["Racismo ambiental" na perspectiva de mulheres indígenas e quilombolas.](#)



REFERÊNCIAS

- Portal Geledés: ["Racismo ambiental também é uma forma de genocídio", diz Amanda Costa, 24 anos, ativista e embaixadora da juventude na ONU"](#)
- Coalizão Negra Por Direitos: ["Nota da Coalizão Negra em apoio à luta dos povos indígenas e em repúdio ao PL 490/2007"](#)
- Coalizão Negra Por Direitos: ["Nota pública sobre o Acre: o descaso do Governo Federal diante da crise sanitária, ambiental, climática, migratória, de dengue e da pandemia da Covid-19"](#)
- Coalizão Negra Por Direitos: ["Organizações denunciam vulnerabilidade dos quilombos à ONU"](#)

ÁRVORE DA MEMÓRIA

BUSCA DA ANCESTRALIDADE E COMBATE
AO APAGAMENTO E À INVISIBILIDADE

Febre Amarela [Yellow Fever]
(Quênia, Reino Unido, 2012, dir. Ng'endo Mukii)

Pontes Sobre Abismos
(Brasil, 2017, dir. Aline Motta)

Travessia (Brasil, 2017, dir. Safira Moreira)

Raízes

(Brasil, 2020, dir. Simone Nascimento e Well Amorim)

Árvore da memória: busca da ancestralidade e o combate ao apagamento e à invisibilidade trata da busca pela ancestralidade e da cultura do embranquecimento que contribui para o apagamento e a invisibilização de narrativas negras.



ÁRVORE DA MEMÓRIA

BUSCA DA ANCESTRALIDADE E COMBATE AO APAGAMENTO E À INVISIBILIDADE

Os nomes mais populares no Brasil, de acordo com o IBGE, são Maria e José, de origem hebraica e relacionados a santos católicos. Esse fato possui um lastro histórico e está relacionado à colonização e ao **apagamento histórico** das designações de raízes indígenas e africanas. Os africanos escravizados pela colônia que chegaram ao Brasil vinham, em sua maior parte, de dois grupos: os Bantos e os Sudafricanos, que por sua vez eram formados por centenas de tradições culturais e linguísticas. O apagamento de suas culturas começava muitas vezes na própria África e pelo próprio nome: os traficantes de escravos registravam os raptados com outros nomes para omitir suas identidades verdadeiras e impedir que se identificassem enquanto grupo ou família, com o objetivo de destruir laços e pertencimentos. Processos como esse dificultam até hoje o mapeamento da genealogia de pessoas negras no Brasil.

O curta ***Pontes Sobre Abismos*** (Brasil, 2017) e o longa ***Raízes*** (Brasil, 2020) mostram a busca dos protagonistas por referências e registros mais precisos sobre seus antepassados. No

primeiro, originalmente uma vídeo-instalação, a diretora Aline Motta procura informação sobre o pai de sua avó, e para isso mapeia narrativas ancestrais que permeiam as relações entre o continente africano e o Brasil, tanto no passado, quanto no presente, por meio de vestígios documentais de sua própria família.

Enquanto isso, na Brasilândia, periferia da zona Norte de São Paulo, o jovem Kelton, personagem de ***Raízes***, tenta construir sua árvore genealógica. Entre diversas dificuldades burocráticas e registros perdidos, Kelton viaja pelo país e aos poucos se conecta com seus parentes mais distantes. Nessa viagem, depara-se com a própria negritude pela experiência cultural e transmissão de conhecimento no contato com as pessoas mais velhas que encontra durante a jornada, apesar de suas raízes já não se expressarem diretamente nos nomes e sobrenomes de familiares.

O curta ***Travessia*** (Brasil, 2017), por sua vez, reflete sobre esse apagamento pela ideia de política da memória: a diretora vasculha registros fotográficos e problematiza a ausência de retratos de pessoas negras.



Fotograma do filme *Pontes Sobre Abismos*

Esses três filmes trazem a fotografia como um forte elemento de **memória e busca pela ancestralidade**.

No curta de animação documental ***Febre Amarela*** (Quênia, Reino Unido, 2012), por outro lado, a ideia de apagamento é retratada pela perspectiva de uma mulher negra que contesta a estigmatização do corpo negro e a busca pela beleza imposta pela mídia hegemônica. A padronização da imagem e da estética – no cabelo, na pele, no corpo – também é uma forma de invisibilização de corpos e identidades que diferem dos discursos colonizadores.



ÉPISTEMICÍDIO E EMBRANQUECIMENTO: A OUTRA ESTRATÉGIA DO GENOCÍDIO

O apagamento generalizado – linguístico, estético, cultural – é uma forma de genocídio, chamada de **epistemicídio**. O termo é usado por militantes e intelectuais como a filósofa, escritora e ativista brasileira Sueli Carneiro e o sociólogo e pesquisador português Boaventura de Sousa Santos para explicar o processo de invisibilização e ocultação das contribuições culturais e sociais não assimiladas pelo pensamento ocidental. Abdias do Nascimento - escritor, dra-

maturgo, artista plástico, professor universitário, político e ativista dos direitos civis das populações negras brasileiras – refere-se a esse processo como embranquecimento cultural ou **a outra estratégia do genocídio**. O epistemicídio é fruto de uma estrutura social fundada no colonialismo europeu e no contexto de dominação imperialista sobre outros povos. A invisibilização e o embranquecimento dos corpos e das culturas são formas de perpetuação do racismo.

REFLEXÃO E AÇÃO

Nos filmes desse eixo, os personagens questionam aspectos do apagamento cultural por meio da fotografia, do corpo e da memória. Que outras **formas de expressão e ação** podem ir na contramão dessa "outra estratégia de genocídio"?

Você já parou para refletir sobre a **ideologia do branqueamento**? Como você consegue enxergar a influência dela nos padrões de ser e agir impostos pela sociedade hoje? Você segue perfis de pessoas negras – artistas, intelectuais, ativistas etc. – nas mídias sociais?

Lélia Gonzalez, intelectual, política, professora, filósofa e antropóloga brasileira, criou os termos **América** e **Pretuguês**. Você imagina a que eles se referem? Pesquise e comente com seu grupo.

PARA SABER MAIS

O **Museu AfroBrasil**, que aparece no filme **Raízes**, fica em São Paulo e conta com um acervo com mais de 6 mil obras, entre pinturas, esculturas, gravuras, fotografias, documentos e peças etnológicas, de artistas e autores brasileiros e estrangeiros, produzidos entre o século 18 e os dias de hoje. O acervo abarca diversos aspectos dos universos culturais africanos e afro-brasileiros, abordando temas como a religião, o trabalho, a arte, a escravização, entre outros temas ao registrar a trajetória histórica e as influências africanas na construção da sociedade brasileira. Saiba mais em: <http://www.museuafrobrasil.org.br/>.

Nexo Podcast: ["Por que não temos sobrenomes africanos ou indígenas?"](#)

REFERÊNCIAS

- MONASTERIO, Leonardo. [Sobrenomes e Ancestralidade no Brasil - Texto para discussão](#). Rio de Janeiro: Instituto de Pesquisa Econômica, 2016.
- NASCIMENTO, Abdias do. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- GONZALEZ, Lélia (org. por Flavia Rios). **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.
- Portal Geledés: ["A presença ínfima de nomes indígenas e africanos revela o sequestro da identidade nacional"](#)
- Portal Geledés: ["A influência africana no processo de formação de cultura afro-brasileira"](#)
- Portal Geledés: ["Epistemicídio"](#)
- Estadão: ["Quer entender seu sobrenome? Origens podem esbarrar em acasos, tráfico de escravos e colonização"](#)
- UFRGS - Jornal da Universidade: ["Epistemicídio e o apagamento estrutural do conhecimento africano"](#)

MUROS DO RACISMO

ESTRUTURAS E FRONTEIRAS GEOGRÁFICAS,
MATERIAIS E SIMBÓLICAS

Filhas de Lavadeiras

(Brasil, 2019, dir. Edileuza Penha de Souza)

Ipallpá (Brasil, 2021, dir. Thais Scabio)

Sementes: Mulheres Pretas no Poder

(Brasil, 2020, dir. Éthel Oliveira e Júlia Mariano)

Travessia

(Brasil, 2019, dir. Elen Linth e Riane Nascimento)

Thinya (Brasil, 2019, dir. Lia Letícia)

Muros do racismo: estruturas e fronteiras geográficas, materiais e simbólicas aborda a questão do racismo estrutural, principalmente pelas lentes e narrativas de mulheres negras. O capítulo contextualiza a forma como a sociedade está estruturada em uma lógica de privilégios de poucos grupos em detrimento de outros, em diversos campos.



MUROS DO RACISMO: ESTRUTURAS E FRONTEIRAS GEOGRÁFICAS, MATERIAIS E SIMBÓLICAS

Ipa/Ipá (Brasil, 2021) retrata a atuação de **mulheres periféricas** na linha de frente do combate à pandemia de Covid-19 nos seus territórios, apesar das dificuldades e do descaso do poder público – este muito mais antigo que o vírus. “A falta por si só já é um vírus bem conhecido por quem vive nas periferias”, diz uma das personagens.



Fotograma do filme *Sementes: Mulheres Pretas no Poder*

O curta, assim como os outros filmes deste eixo, como se verá a seguir, aborda o **racismo estrutural**, entendido como um conjunto de práticas discriminatórias, institucionais, históricas, territoriais, culturais dentro de uma sociedade que frequentemente privilegia alguns grupos em detrimento de outros, construindo **muros e fronteiras geográficas, materiais e simbólicas**. O termo é usado para reforçar o fato de que sociedades ocidentais estruturadas pelo racismo favorecem pessoas brancas, em particular homens, e desfavorecem mulheres, pessoas negras, indígenas e imigrantes.

De acordo com o advogado, filósofo e professor universitário Silvio Almeida, o racismo faz parte de uma estrutura social que, para se reproduzir, precisa funcionar na **lógica socioeconômica de desigualdade**. Um dos elementos necessários para reverter esse cenário é o questionamento e o combate aos privilégios, não apenas na esfera individual, mas também em âmbito coletivo, como um projeto político que envolva toda a sociedade.

Com diferentes recortes, os filmes *Filhas de Lavadeiras* (Brasil, 2019), e *Sementes: Mulheres Pretas no Poder* (Brasil, 2020) mostram a trajetória de mulheres que lutam para diminuir a **desigualdade de gênero** somada ao racismo. *Filhas de Lavadeiras* retrata as dores e a vida de lavadeiras cujas filhas tiveram a oportunidade de trilhar outros caminhos, e pela primeira vez puderam frequentar a escola. O trabalho duro e a busca pela superação de barreiras históricas também se fazem presentes dentro de instituições políticas formais. *Sementes* acompanha várias candidatas negras que participaram das eleições municipais de 2018, ano do assassinato da então vereadora carioca **Marielle Franco**. Transformando o luto em luta, essas mulheres enfrentam o racismo e o machismo institucionalizados e buscam uma nova forma de se fazer política no Brasil.

O média-metragem *Travessia* (Brasil, 2019) aborda o racismo estrutural desde a perspectiva da burocracia estatal: relata a dificuldade de **imigrantes** de países mais pobres, como o Haiti, de se estabelecer no Brasil, e como essa jornada pode se tornar um fardo ainda maior para as mulheres negras. No documentário, mãe e filha haitianas saem de seu país em busca de melhores condições de vida, mas no Brasil acabam esbarrando em problemas enraizados e burocracias que dificultam o acesso a direitos básicos.

Thinya (Brasil, 2019) nasce na cidade de Berlim, Alemanha, onde a diretora encontrou dois álbuns de fotografias em um mercado de rua. A partir deles, ela cria uma narrativa em que as pessoas das fotos ilustram textos de cronistas alemães que viajaram para o Brasil entre os séculos 16 e 18. A narração em off é feita na língua do povo indígena Fulni-ô, de Pernambuco. A partir da tensão e do contraste entre som e imagem, *Thinya* cria uma alegoria sobre o **imaginário de colonizados e colonizadores**, e busca a possibilidade de reinventar memórias, imaginar um novo passado e **prospectar o futuro**.



O AUDIOVISUAL COMO FERRAMENTA DE DENÚNCIA: O PROCESSO DO CURTA IPÁ

Dados da Sociedade Brasileira de Medicina de Família e Comunidade mostram que 67% dos brasileiros que dependem exclusivamente do SUS são negros. Um levantamento feito pelo Instituto Polis, que analisou a mortalidade na cidade de São Paulo entre os meses de março e julho de 2020, aponta que a Covid-19 é mais letal dentre os homens negros, com 250 mortes a cada 100 mil habitantes. As mulheres negras também têm maior incidência de falecimento pela doença, com 140 mortes por 100 mil habitantes, contra 85 por 100 mil entre as mulheres brancas.

Nesse cenário, a diretora Thais Scabio enxergou na produção do seu curta Ipa/Ipá uma possibilidade de registrar os efeitos do racismo estrutural durante a pandemia e exercer um papel político enquanto cineasta:

"Assim que começou a pandemia, eu já estava com uma ideia de efeito dominó. Esses dominós estavam bambeando e a pandemia só empurrou de vez. Um dia, estava em casa e teve a morte do Guilherme, um menino aqui da região de Americanópolis, morto durante uma manifestação. Da minha casa eu não conseguia ver o que estava rolando, mas conseguia ouvir os sons do carro de polícia, bombas e gritos. As pessoas começaram a me mandar mensagens pedindo para registrar, e isso me fez refletir muito sobre qual era o meu papel na pandemia como cineasta, já que eu não trabalho com saúde. Entendi que minha função poderia ser registrar, repercutir essas vozes. Ainda nessa ideia do dominó, tem outras peças: apareceu um edital do Instituto Criar e me inscrevi. Depois, uma amiga minha perguntou quem estava distribuindo alimentos na minha

região, para ela mandar verba, e fiz uma lista das pessoas que estavam nessa frente. Quando vi, eram todas mulheres negras, cada uma de uma região diferente. Pensei: 'é isso, meu papel é mostrar o que está rolando aqui'. Essas mulheres tendo que deixar a família, como a Luana, que tem quatro filhos, tendo que colocar prioridade no alimento para a comunidade e ficar na linha de frente. No final do filme, coloco as cenas do pessoal me chamando e dizendo que faltavam imagens, que não tinha ninguém filmando. Achei importante trazer essas vozes e esse grito da comunidade. É isso que eu quis trazer, que esse 'novo normal' era só uma conversa da classe média, porque a gente da periferia estava vivendo esse normal e uma piora desse normal, na verdade. O normal é que tem que ser quebrado".

[veja a entrevista completa com Thais Scabio na p. 33]

REFLEXÃO E AÇÃO

Dados do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) apontam que 84.418 mulheres negras se candidataram para vereadora nas [eleições municipais](#) de 2020, mas apenas 3.634 foram eleitas, o que corresponde a 6% nas câmaras municipais. Você já votou em mulheres negras? Procure iniciativas que apoiam essas candidaturas nas próximas eleições.

Mulher, negra, mãe, filha, irmã, esposa, militante pelos Direitos Humanos e cria da favela da Maré, [Marielle Franco](#) foi eleita Vereadora da Câmara do Rio de Janeiro em 2017, com 46.502 votos. Também atuou como Presidente da Comissão da Mulher da Câmara. No dia 14 de março de 2018, foi assassinada a tiros junto com o motorista [Anderson Gomes](#) em um atentado ao carro em que viajava. As investigações seguem sem responder quem foi o mandante do crime. O [Instituto Marielle Franco](#) foi criado pela sua família com a missão de inspirar, conectar e potencializar milhares de jovens, negras, LGBTQIA+ e periféricas a seguir movendo as estruturas da sociedade. Marielle presente! Anderson presente!

PARA SABER MAIS

Campanha: [Meu Voto Será Feminista](#)

Coletivo: [Pretas e Pretos no Poder](#)

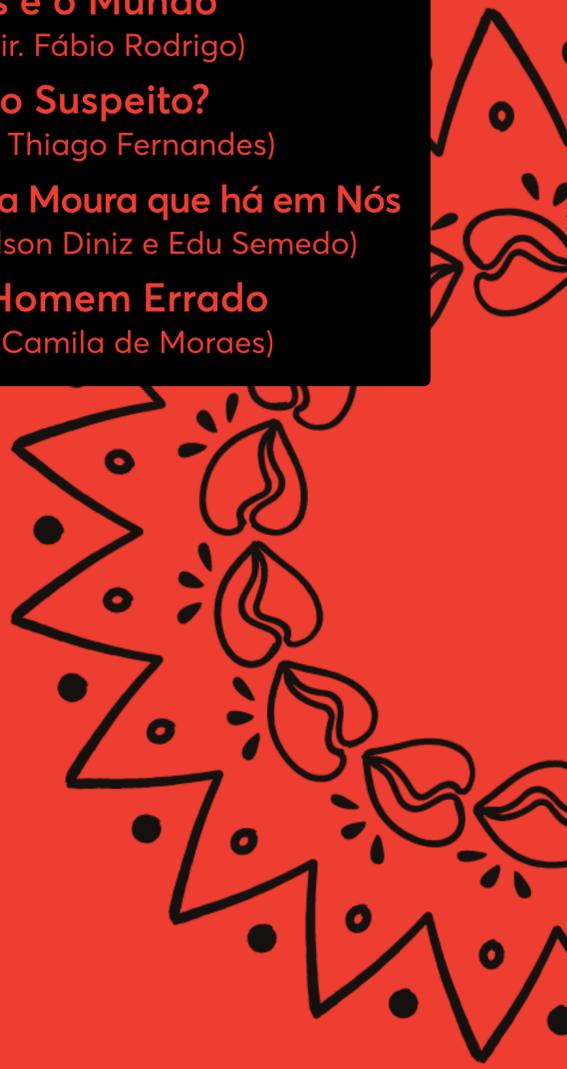
Revista AzMina: ["Mulheres imigrantes"](#)

Video - TV Boitempo: ["O QUE É RACISMO ESTRUTURAL? | Silvio Almeida"](#)



REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Silvio. Racismo Estrutural (Coleção Feminismos Plurais). São Paulo: Jandaíra, 2019.
- Gênero e Número: ["Em 53% das cidades brasileiras, nenhuma mulher negra ocupará a Câmara Municipal em 2021"](#)
- Entrevista com Thais Scabio, presidente da APAN [ver p.33 desta publicação]



VIDAS NEGRAS IMPORTAM

**VIOLÊNCIA DE ESTADO E GENOCÍDIO
DA POPULAÇÃO NEGRA**

Entre Nós e o Mundo

(Brasil, 2019, dir. Fábio Rodrigo)

Eu Pareço Suspeito?

(Brasil, 2018, dir. Thiago Fernandes)

O Bocado da Cova da Moura que há em Nós

(Portugal, 2014, dir. Edson Diniz e Edu Semedo)

O Caso do Homem Errado

(Brasil, 2017, dir. Camila de Moraes)

O capítulo **Vidas negras importam: violência de Estado e genocídio da população negra** foca a violência de Estado e o genocídio da população negra como projeto político.



VIDAS NEGRAS IMPORTAM

VIOLÊNCIA DE ESTADO E GENOCÍDIO DA POPULAÇÃO NEGRA

Genocídio é o extermínio deliberado de pessoas motivado por diferenças étnicas, nacionais, raciais, religiosas e, por vezes, sociopolíticas. No Brasil, o **genocídio da população negra** é um tema urgente, realidade decorrente do **racismo estrutural** que molda o Estado e a sociedade, afeta a polícia, as empresas, as instituições políticas e a população como um todo.



Fotograma do filme *Entre Nós e o Mundo*

A forte concentração dos índices de violência letal na população negra é uma expressão contundente da desigualdade racial no Brasil. De acordo com o Atlas da Violência 2020, produzido pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), os jovens negros figuram como as principais vítimas de homicídios do país. Não bastasse, o índice de morte de pessoas negras apresentou forte crescimento nos últimos anos. Os índices de mortalidade entre as pessoas brancas são bem menores quando comparados aos de pessoas

negras, e em alguns casos apresentam redução.

Em 2018, por exemplo, de acordo com o Atlas, os negros representaram 75,7% das vítimas de homicídios, enquanto entre os não negros, essa taxa foi de 13,9%. Isso significa que, para cada indivíduo não negro morto em 2018, 2,7 negros foram mortos. Nesse mesmo ano, as mulheres negras representaram 68% do total das mulheres assassinadas no Brasil, uma taxa de mortalidade de 5,2 em 100 mil habitantes – quase o dobro se comparada à de mulheres não negras.

A **violência policial** é um dos elementos que colaboram para esse cenário. Segundo o Monitor da Violência do G1 em parceria com o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), em São Paulo, no Estado mais populoso e rico do Brasil, 252 pessoas foram mortas por ações da polícia nos quatro primeiros meses de 2019, um aumento de 17% em comparação ao mesmo período de 2018. No Rio de Janeiro, 881 pessoas foram mortas em intervenções policiais no primeiro semestre de 2019, um acréscimo de 14% sobre 2018.

Os documentários ***Entre Nós e o Mundo* (Brasil, 2019)** e ***O Caso do Homem Errado* (Brasil, 2017)**

retratam as faces da violência de Estado em dois momentos históricos distintos: o primeiro, nas periferias de hoje, com o caso de Erika, moradora da Vila Ede, na Zona Norte de São Paulo, que teve um de seus filhos adolescentes, negro, assassinado em uma abordagem policial. O segundo, com o caso do jovem operário negro Júlio César de Melo Pinto, executado pela polícia militar do Rio Grande do Sul, em 1987. São mais de três décadas de diferença entre um e outro, e o genocídio segue em curso.

O curta ***Eu Pareço Suspeito?* (Brasil, 2018)**, por sua vez, relata acontecimentos da história do Brasil em que o estereótipo negro foi considerado suspeito. Já o curta português ***O Bocado da Cova da Moura que há em Nós* (Portugal, 2014)** entrevista jovens moradores da Cova da Moura, uma das maiores e mais antigas comunidades de população negra existentes na área metropolitana de Lisboa. Entre falas sobre suas realidades e perspectivas de futuro, há uma unanimidade quando se trata dos principais problemas do lugar: a estigmatização da mídia e as invasões injustificadas da polícia, que ajudam ainda mais a marginalizar esses grupos.

GENOCÍDIO DA JUVENTUDE NEGRA BRASILEIRA

Em 2016, o Senado Federal reconheceu que o Estado brasileiro promove um genocídio da juventude negra, como consta do Relatório Final da Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) sobre o Assassinato de Jovens, de 2016. Nele, admitiu-se que a polícia brasileira, que constitui **o braço armado do Estado**, matou, em cinco anos, mais do que a polícia norte-americana em 30 anos de trabalho. Afirmou-se ainda que **"a cada 23 minutos ocorre a morte de um jovem negro no Brasil"** e que "este processo de genocídio está umbilicalmente marcado pelo racismo institucional". Em média, **cinco pessoas são assassinadas pela polícia diariamente**.

[conteúdo: Coalizão Negra Por Direitos]



NECROPOLÍTICA: O ESTADO QUE MATA

Necropolítica é um termo cunhado pelo filósofo camaronês Achille Mbembe para referir-se ao poder do Estado de instituir políticas de morte em países colonizados e de passado colonial. Essas políticas de morte funcionam como macroestruturas que regem a dinâmica social e definem vidas que "podem ser precarizadas e descartadas".

Por exemplo, a escravização e o sistema econômico da *plantation*, ou os latifúndios

de monocultura no Brasil colonial, promoviam a violência – e morte – contra a pessoa escravizada, não apenas fisicamente, mas também em outras dimensões: elas eram desprovidas de um lar, do direito ao próprio corpo e de estatuto político, como se fosse uma "morte em vida". Esse tipo de extermínio físico e subjetivo se atualiza, hoje, de diversas formas na sociedade contemporânea, como a violência policial concentrada em jovens negros e o genocídio da população negra no Brasil.

REFLEXÃO E AÇÃO

A Campanha **Alvos do Genocídio**, realizada pela Coalizão Negra Por Direitos, pretende chamar a atenção do público para os elevados números de assassinatos da população negra no Brasil, além de pressionar veículos para noticiar os homicídios de pessoas negras como genocídio, e não casos pontuais, deixando de informar o contexto e a gravidade da realidade.

Apoie em: <https://www.alvosdogenocidio.com.br/>

Em maio de 2021, o assassinato do afro-americano **George Perry Floyd Jr.**, estrangulado nos Estados Unidos por um policial branco, ganhou os jornais e gerou protestos no mundo todo. Os filmes deste eixo denunciam a violência sofrida por pessoas apenas por serem negras, decorrência do racismo estrutural no Brasil. Você conhece outros casos semelhantes no Brasil e/ou na sua cidade? Que repercussão eles tiveram? Houve justiça, ou seja, os culpados foram punidos?

PARA SABER MAIS

O Atlas da Violência é um portal que reúne, organiza e disponibiliza informação sobre violência no Brasil, bem como reúne publicações do Ipea sobre violência e segurança pública. Com recortes específicos de raça e gênero, foi criado em 2016 com objetivo de auxiliar pesquisadores, jornalistas e interessados em geral na temática da criminalidade e violência no país. É gerido pelo Ipea com a colaboração do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP).

Acesse em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/>



REFERÊNCIAS

- Fórum Brasileiro de Segurança Pública: ["Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2017"](#)
- Fórum Brasileiro de Segurança Pública: ["Índice de vulnerabilidade juvenil à violência 2017: desigualdade racial, municípios com mais de 100 mil habitantes"](#)
- Ipea: [Atlas da Violência 2019](#) e [2020](#)
- O Globo: ["Mortes por policiais em serviço aumentam no Rio e em SP"](#)
- Senado Federal: ["Relatório Final da CPI sobre assassinato de jovens – relatório do Senador Lindbergh Farias, 2016"](#)
- MBEMBE, Achille. **Necropolítica**. São Paulo: n-1 edições, 2018.
- ZILLI, Luís Felipe. [Letalidade e vitimização policial: características gerais do fenômeno em três estados brasileiros](#). 2018.



OUTRAS HISTÓRIAS POSSÍVEIS



MEMÓRIA, VOZES E
DISPUTA DE NARRATIVAS

Arriaga (Portugal, 2019, dir. Welket Bungué)

Bastien (Portugal, 2016, dir. Welket Bungué)

Chico Reis Entre Nós

(Brasil, 2020, dir. Joyce Prado)

**Dor Fantasma: Uma carta
a Henry A. Kissinger**

[Phantom Pain. A letter to Henry A. Kissinger]

(Angola, 2020, dir. Kiluanji Kia Henda)

Eu Preciso Destas Palavras Escrita

(Brasil, 2017, dir. Milena Manfredini)

Outras histórias possíveis: memória, vozes e disputa de narrativas traz reflexões sobre a importância da memória e preservação da história como forma de recuperação de experiências individuais e coletivas apagadas e silenciadas pelo racismo.



OUTRAS HISTÓRIAS POSSÍVEIS

MEMÓRIA, VOZES E DISPUTA DE NARRATIVAS

O curta ***Eu Preciso Destas Palavras Escrita* (Brasil, 2017)** traz à tona a história pouco conhecida do artista Arthur Bispo do Rosário, e sua experiência atravessada pela arte e pela questão da saúde mental. Nascido em Japarutuba, Sergipe, em 1909, foi estigmatizado e marginalizado por narrativas que ainda hoje persistem na nossa sociedade, por ser negro, pobre e considerado louco. Bispo do Rosário foi diagnosticado com esquizofrenia-paranoica em 1938 e internado na Colônia Juliano Moreira, onde permaneceu por mais de 50 anos. Sua obra, composta principalmente pela justaposição de objetos e bordados, propõe a ressignificação do universo – que, segundo ele, seria fruto de uma missão que seria revelada no dia do juízo final.

Apesar da sua genialidade e da importância de sua obra, seu passado é praticamente desconhecido. O filme traz uma importante reflexão sobre a memória e as possibilidades do cinema de proporcionar o resgate de experiências individuais e coletivas apagadas e silenciadas pelo racismo.

Outro personagem que tem sua representação e memória resgatadas pelo cinema é Chico Rei, também conhecido como Galanga, um rei congolês que foi trazido para o Brasil em 1740

para ser escravizado. Contudo, além de conseguir comprar a própria liberdade, libertou muitas pessoas ao seu redor. Em agradecimento, elas o coroaram em uma cerimônia que ficou conhecida como “Reinado”, que ocorre anualmente até hoje na cidade de Ouro Preto.

Essa história é o ponto de partida do longa ***Chico Rei Entre Nós* (Brasil, 2020)**, que explora diversos ecos da escravização brasileira na vida dos negros de hoje, e busca compreender o movimento de autoafirmação e liberdade a partir de uma perspectiva coletiva.

Em ambos filmes, as narrativas são construídas pelo ponto de vista dos próprios negros, seja por parte dos realizadores desses filmes, ou pelos próprios personagens – perspectivas que apresentam outras narrativas sobre a História brasileira e disputam o lugar da memória. Em ***Chico Rei Entre Nós***, por exemplo, os relatos são apenas de pessoas negras de Ouro Preto, reforçando a ideia da cultura oral como memória e resistência simbólica e territorial.

O filme-carta ***Dor Fantasma* (Angola, 2020)** também aborda o tema das ausências e presenças: o diretor reconstrói as consequências da invasão



Fotograma do filme *Eu Preciso Destas Palavras Escrita*

da Angola pela África do Sul por meio de suas memórias de infância, em Luanda. Inteiramente filmado na rua onde o artista cresceu, o filme é uma carta ao antigo Secretário de Estado dos Estados Unidos (1973-77), Henry A. Kissinger.

Os curtas ***Bastien* (Portugal, 2016)** e ***Arriaga* (Portugal, 2019)***, ambos realizados em Portugal pelo balanta Welket Bungué, traduzem realidades das juventudes negras nas diversas periferias de grandes centros urbanos. As histórias, contadas desde perspectivas juvenis, abordam a cidade, a ideia de pertencimento, a condição de imigrante, relações familiares e dos jovens com instituições. A memória, de acordo com Edson Cardoso, doutor em Educação pela USP e ativista, é a “arma mais poderosa” para recuperar experiências individuais e coletivas apagadas e silenciadas pelo racismo.

*Esses dois curtas são classificados como ficção e representam as únicas exceções da Mostra nesse sentido, por decisão da curadoria de Portugal, em função do acervo e articulações das quais dispunham.



NARRATIVAS PARA ADIAR O FIM DO MUNDO

Ailton Krenak – líder indígena, ambientalista, filósofo, poeta e escritor –, em seu livro de ensaios **Ideias para adiar o fim do mundo**, defende que o fim do mundo não está por vir; ele “já é”: a modernidade, ao separar os seres humanos da ideia de natureza, como se fossem externos a ela, jogou a sociedade ocidental em um “liquidificador” e triturou seus vínculos ancestrais – portanto, a sustentação de suas identidades.

A narrativa civilizatória – branca, ocidental –, para Krenak, descola o homem da terra, oferece discursos homogeneizados e uma roupagem parecida para tudo e todos, negando, assim, a pluralidade das formas de vida, a diversidade de existências, de hábitos, de culturas. Essa ideia de humanidade, para ele, é o próprio fim do mundo, é uma história de ausências.

“Nosso tempo é especialista em criar ausências: do sentido de viver em sociedade, do pró-

prio sentido da experiência da vida. Isso gera uma intolerância muito grande com relação a quem ainda é capaz de experimentar o prazer de estar vivo, de dançar, de cantar. E está cheio de pequenas constelações de gente espalhada pelo mundo que dança, canta, faz chover. O tipo de humanidade zumbi que estamos sendo convocados a integrar não tolera tanto prazer, tanta fruição de vida. Então, pregam o fim do mundo como uma possibilidade de fazer a gente desistir dos nossos próprios sonhos. E a minha provocação sobre adiar o fim do mundo é exatamente sempre poder contar mais uma história”, escreve ele em um trecho do livro.

Narrar, contar histórias, disputar narrativas podem ser, portanto, ações que registram a memória, preservam a vida, e ajudam a construir a perspectiva de diversidade. Contar uma história é uma forma de **combater o apagamento e o silenciamento** impostos pelo racismo.

REFLEXÃO E AÇÃO

O filme *Eu Preciso Destas Palavras Escrita*, sobre o artista brasileiro Arthur Bispo do Rosário, mostra um pouco de sua história e trajetória de vida, pouco conhecidas. Você conhece *outras histórias de artistas negros*? Que tal pesquisar e sistematizar algumas para compartilhar com seu grupo?

O livro *A queda do céu – palavras de um xamã yanomami* é fruto do registro de uma narrativa oral que se transformou em texto por uma parceria entre o etnógrafo Bruce Albert e a liderança Davi Kopenawa Yanomami. O texto apresenta uma perspectiva indígena do mundo. Para você, qual o objetivo e significado do gesto de Davi Kopenawa de *transformar uma narrativa oral indígena em texto publicado em livro*? Reflita e debata com seu grupo.

PARA SABER MAIS

O acervo de Arthur Bispo Rosário, composto por mais de 1500 objetos, pode ser visto no *Museu Bispo do Rosário Arte Contemporânea*, situado no Instituto Municipal de Assistência à Saúde Juliano Moreira, centro de saúde mental conhecido como "Colônia", localizado na Taquara, Zona Oeste do Rio de Janeiro. Acesse mais informações em: <https://museubispodorosario.com>



REFERÊNCIAS

- *"A nossa arma mais poderosa é a memória"*, entrevista com Edson Lopes Cardoso para o Fundo Brasil de Direitos Humanos.
- *ARTHUR Bispo do Rosário*. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2021.
- KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. *A queda do céu – palavras de um xamã yanomami*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- *Museu Bispo do Rosário Arte Contemporânea (mBrac)*.

Democratização do acesso ao cinema, juventudes e antirracismo



Thais Scabio é vice-presidenta da APAN, paulistana, cineasta, sócia-diretora e produtora executiva da [Cavalo Marinho Audiovisual](#), curadora de festivais e mostras, criadora e diretora artística da MIIA – Mostra Itinerante Infanto-juvenil de Audiovisual. Também realiza projetos de formação audiovisual em periferias de São Paulo e atualmente é gestora de desenvolvimento de negócios da plataforma online TodesPlay.

Mostra: Como começou sua trajetória no audiovisual?

Thais Scabio: Comecei no audiovisual em 2000, mas desde criança tenho essa coisa da cultura em mim. Minha mãe me levava para São Bernardo do Campo e para o Centro Cultural do Jabaquara para ver peças de teatro. Eu também fazia circo, então sempre tive esse envolvimento com a arte.

Fiz o último ano de magistério técnico, trabalhei em rádio, e fui dar aulas. Já gostava do audiovisual e percebi que as crianças davam muito mais atenção para o que elas tinham visto na televisão do que para o que eu falava em sala de aula. Eu queria fazer cinema, cheguei a fazer oficina de audiovisual em Diadema, mas acabei indo para [o curso de] Rádio e TV na Unisa. Fui com bolsa de cota racial, uma das primeiras 10 aprovadas da Educafro. Antes de existir políticas como o ProUni, a gente já brigava por isenção e cotas raciais.

Em 2003, fiz meu primeiro curta independente no trabalho de conclusão de curso da faculdade. Em 2004, fiz um curta junto com o meu parceiro Gilberto Caetano, chamado Como Declamar Drummond. Por meio desse filme, conhecemos Djalma Limongi, que era diretor da Escola Livre de Cinema e Vídeo de Santo André, e nos convidou para estudar lá. O Gilberto se especializou em roteiro e eu em direção, durante três anos.

Em 2006, a gente abriu a Cavalo Marinho, nossa produtora, que começou na sala da minha casa, na periferia da Cidade Júlia. Quando começamos, éramos um dos únicos casais negros em festivais de

cinema e foi nesses ambientes que conheci outros cineastas, como o Jeferson De, com quem até montamos o projeto Jamac Cinema Digital, pelo qual formamos mais de 5 mil pessoas na região.

Atualmente, sou uma das articuladoras do Fórum de Cultura da Cidade Ademar/Pedreira, sempre estive envolvida com as questões de direitos básicos da periferia, então estou sempre além do audiovisual. Não tem como a gente fugir disso na periferia.

M: Dados de uma pesquisa do Grupo de Estudos Multidisciplinares da Ação Afirmativa (Gemaq) do Instituto de Estudos Sociais e Políticos (IESP) da UERJ mostram que entre 1995 e 2018 o mercado audiovisual foi dominado por homens brancos. Como romper com essa estrutura? Desde a APAN, que ações / políticas buscam lidar com essa questão?

TS: Estou presente desde as primeiras discussões de formação da APAN, e um dos focos era trazer esse questionamento sobre o caminho desse dinheiro público [dos editais e linhas de crédito de fomento ao audiovisual]. Nós, mulheres e homens



ENTREVISTA



negros, estamos produzindo, mas sem dinheiro público, então acho que o questionamento dessa pesquisa vai mais no caminho de mostrar o destino dessa verba, que não está sendo distribuída de forma igualitária e justa. O dinheiro público vai em grande parte para os homens brancos héteros de classe média, então a APAN surgiu também para trazer esse questionamento.

M: Como a APAN apoia profissionais negres do audiovisual?

TS: Todas as representações do audiovisual dentro do extinto MinC aconteciam por meio de instituições. Eu não poderia chegar como Thais Scabio e ter uma discussão dentro da Ancine, por exemplo. A gente precisava ter essa força institucional para chegar como profissionais negros e ter incidência nessas discussões de ações afirmativas no setor público, então a APAN surge principalmente com esse objetivo.

Atualmente, a APAN tem mais de 600 associadas, pessoas que se apoiam e se organizam. A gente se organiza em forma de grupos de trabalho, os

GTs, compostos por pessoas associadas e pela diretoria. Dentro desses grupos, são discutidas as prioridades: tem GT de formação, que discute a questão da formação do audiovisual negro tanto dentro dos cursos como formação do público; tem GT de projetos, que foi de onde saíram as ideias como a TodesPlay, a APAN Ead, a RAIO [Rede Audiovisual de Inclusão Orquestrada], que liga profissionais com o mercado de trabalho. Também temos uma assessoria jurídica, já que a gente recebia muita denúncia de racismo dentro do set e as pessoas não tinham apoio institucional. Essas divisões se definiram conforme as necessidades que foram surgindo dentro do setor.

M: Durante a pandemia, muitos profissionais do audiovisual foram impactados e toda a cadeia do cinema precisou se adaptar de diversas formas. Como você enxerga esse cenário atualmente, sobretudo para profissionais negres?

TS: A gente já sabia que a condição das pessoas negras dentro do audiovisual era super exploratória, como acontece em várias outras profissões. Como é uma área muito precarizada de

direitos trabalhistas, muitos de nós trabalhamos sem registro, carteira assinada, MEI, então nesse momento de pandemia, a maioria ficou sem dinheiro nenhum.

O setor já vinha em decadência desde 2018, por causa do governo. Várias produtoras receberam a última verba em 2018, sem receber em 2019. Em 2020, veio a pandemia e tudo piorou.

Quando formamos o Fapan, que é o Fundo de Apoio dos Profissionais do Audiovisual Negro, percebemos que muitas pessoas não tinham nem como provar que trabalharam no set. Profissionais de catering, por exemplo, não tinham contrato, portfólio, era tudo muito precário, sem registro dos trabalhos. A gente já imaginava que era assim, mas acho que a pandemia sobressaltou essa diferença. Um diretor, uma roteirista, consegue provar seu trabalho muito mais do que a pessoa que fez a elétrica, por exemplo, e a maioria das pessoas negras está nessas funções técnicas.

M: O que você acha que é preciso para mudar essa situação de precarização do trabalho na indústria?



ENTREVISTA



TS: Acho que a APAN, a partir do Fapan e de dados que levantamos, consegue abordar melhor essa questão da precariedade, levar isso ao público e trazer questionamentos dentro da nossa área. Esse trabalho que a gente tem feito, de pautar ações afirmativas dentro do audiovisual no Congresso e outras instâncias, junto a vereadores e senadoras, é muito importante para dar condições melhores para os trabalhadores. Acho que tudo é questão de elaborar políticas públicas para pensar numa distribuição melhor dessa renda e ver o cinema negro dentro da indústria cinematográfica como um lugar de profissionais que devem ter direitos trabalhistas assegurados.

M: Na sua opinião, quais as principais necessidades e caminhos a serem percorridos quando falamos de democratização do acesso ao cinema?

TS: A gente toca muito na questão da distribuição, porque temos poucas distribuidoras. Se a gente pensar que a maioria das distribuidoras também está nas mãos de homens brancos héteros, porque eles iriam querer distribuir meu filme?

Eu acho que o gargalo de distribuição desses filmes dificulta que as pessoas conheçam o cinema nacional, o cinema negro. Na APAN, tem um GT de distribuição onde a gente discute isso. Por exemplo, a Ancine não contabiliza cineclubes, só contabiliza salas comerciais. Quantos filmes são exibidos nessas salas? A gente conhece filmes que rodaram muito em escolas e mostras e isso não é contabilizado como exibição, então precisamos pensar em como fazer essa contabilização de público. Acho que isso também é uma das coisas que a gente deveria questionar: por que só contabilizar em sala de cinema? Qual é o objetivo dessa ideia?

M: A TodesPlay surge como uma alternativa de distribuição?

TS: A TodesPlay ajuda na distribuição e também na organização da nossa memória, nossos filmes, porque a maioria da produção audiovisual negra tinha como destino final o YouTube. Você faz toda uma produção, muitas vezes com dinheiro próprio, para ir para o YouTube, que ganha uma grana imensa nas nossas costas; os filmes ficam meio perdidos ali.

A plataforma tem essa ideia, de um lugar onde as pessoas consigam ter acesso, uma curadoria. Uma das importâncias dela é essa: ter um lugar, um cantinho, uma cinemateca nossa, que organize nossas produções.

M: Como a plataforma pode contribuir para um cinema mais diverso e acessível?

TS: Ela é uma plataforma ainda nova, existe desde 2020. A gente vive um boom de streamings nesta pandemia, acho que quando isso acabar vão sobreviver os mais fortes. Tem muita plataforma, muito streaming, e o pessoal tem o poder de comunicação e divulgação muito maior do que a gente, mas fizemos uma plataforma que tem uma parte gratuita e as mostras são gratuitas. A ideia é quebrar um pouco desse preconceito que existe no Brasil sobre o cinema nacional e negro. Temos essa portinha de entrada na plataforma que é o "Nhai", pra quebrar esse preconceito, e depois temos também a parte de assinantes com um valor bem acessível, R\$6,90, para ser mais democrático e as pessoas conseguirem ter acesso aos filmes ali.



ENTREVISTA

M: Você percebe um interesse maior dos jovens negros pelo audiovisual nos dias de hoje? Como as juventudes, principalmente periféricas, têm contribuído para o campo do cinema?

TS: Sim, muito, e é lindo isso. Acho que nós temos que contar nossas histórias, já passou da época em que outros contavam sobre nós. Esse boom da juventude querendo falar sobre si é muito importante e válido. Eu não tinha referência quando comecei, então o pessoal que está vindo agora já tem bastante e isso é super importante.

M: Quais os caminhos para incentivar os novos profissionais?

TS: Eu ensino para o pessoal que é importante a gente conhecer a narrativa, como contar a história através da câmera. Não importa se você vai ser profissional ou não, porque o audiovisual é uma arte de manipulação. Nós somos muito manipulados por ele. Por exemplo, não é por que você sabe escrever que você vai ser escritor, mas você precisa entender como funciona a escrita, os códigos.

Acho que o digital ajudou muito a periferia a entrar no audiovisual também. Antes era uma profissão que não era para a gente, que a sociedade não apontava para a gente. No meu caso mesmo, até para me reconhecer como cineasta foi um processo, uma questão de identidade. Era uma coisa muito distante. A mulher negra e periférica vai ser cineasta? Até hoje eu brigo com isso, de ter essa luta para me reconhecer. Acho que isso também fez parte desse processo das minhas alunas se reconhecerem como cineastas, porque cinema é imagem e movimento. Se você sabe fazer imagem e movimento, você está contando uma história com a ferramenta, você conhece a narrativa, você faz cinema. Então acho que quando eu me afirmo como mulher negra e cineasta, é para as meninas e os mais jovens criarem referência e identidade, para mim e para elas.

M: E de que forma o audiovisual pode ser um instrumento de combate ao racismo?

TS: O Brasil é um país com muito analfabetismo estrutural e as informações que as pessoas têm,

o conhecimento que passam para os seus filhos, é através do audiovisual. A cultura do racismo foi fortalecida no audiovisual durante todo esse tempo, com o apagamento das pessoas negras na frente e atrás das câmeras, e em como o negro foi retratado e ainda é, como bandido, como mau. Isso é seríssimo, é um genocídio simbólico que o audiovisual alimenta, criando medo na sociedade em relação ao negro.

Então, só de colocarmos negros, indígenas, LGBTQIA+s na frente da câmera, já conseguimos mostrar a diversidade da beleza. Isso cria um impacto enorme na autoestima, no olhar. Acho que, como mulher negra e cineasta, tenho esse papel fundamental, que é mostrar a negritude e esses outros povos, a periferia na frente da câmera, como uma forma de combate ao preconceito, ao racismo.



MANIFESTO

ENQUANTO HOVER RACISMO, NÃO HAVERÁ DEMOCRACIA

COALIZÃO NEGRA POR DIREITOS

"Nós, população negra organizada, mulheres negras, pessoas faveladas, periféricas, LGBTQIA+, que professam religiões de matriz africana, quilombolas, pretos e pretas com distintas confissões de fé, povos do campo, das águas e da floresta, trabalhadores explorados, informais e desempregados, em Coalizão Negra por Direitos, viemos a público exigir a erradicação do racismo como prática genocida contra a população negra.

O Brasil é um país em dívida com a população negra – dívidas históricas e atuais. Portanto, qualquer projeto ou articulação por democracia no país exige o firme e real compromisso de enfrentamento ao racismo. Convocamos os setores democráticos da sociedade brasileira, as instituições e pessoas que hoje demonstram comoção com as mazelas do racismo e se afirmam antirracis-

tas: sejam coerentes. Pratiquem o que discursam. Unam-se a nós neste manifesto, às nossas iniciativas históricas e permanentes de resistências e às propostas que defendemos como forma de construir a democracia, organizada em nosso programa.

Esta convocação é ainda mais urgente em meio à pandemia da Covid-19, quando sabemos que a população negra é o segmento que mais adoecer e morre, que amplia as filas de desempregados e que sente na pele o desmantelamento das políticas públicas sociais. Em meio à pandemia de Covid-19, o debate racial não pode mais ser ignorado.

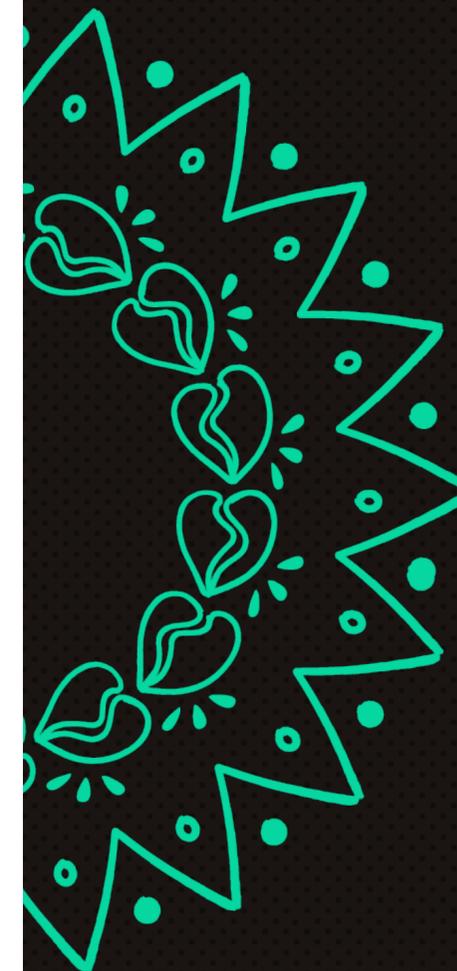
Neste momento, em que diferentes setores se unem em defesa da democracia, contra o fascismo e o autoritarismo e pelo fim do governo Bolsonaro, é de suma importância

considerar o racismo como assunto central.

"Estamos vindo a público para denunciar as péssimas condições de vida da comunidade negra." Este trecho, retirado do manifesto de fundação do Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial, de julho de 1978, é a prova de que jamais fomos ouvidos de que sempre estivemos por nossa própria conta.

Essa é uma luta que não começa aqui, mas que se materializou no pensamento e na ação de homens e mulheres que, em todos os momentos históricos em que a brutalidade foi imposta ao povo negro, levantaram suas vozes e disseram: NÃO!

Não há democracia, cidadania e justiça social sem compromisso público de reconhecimento do movimento negro como sujeito





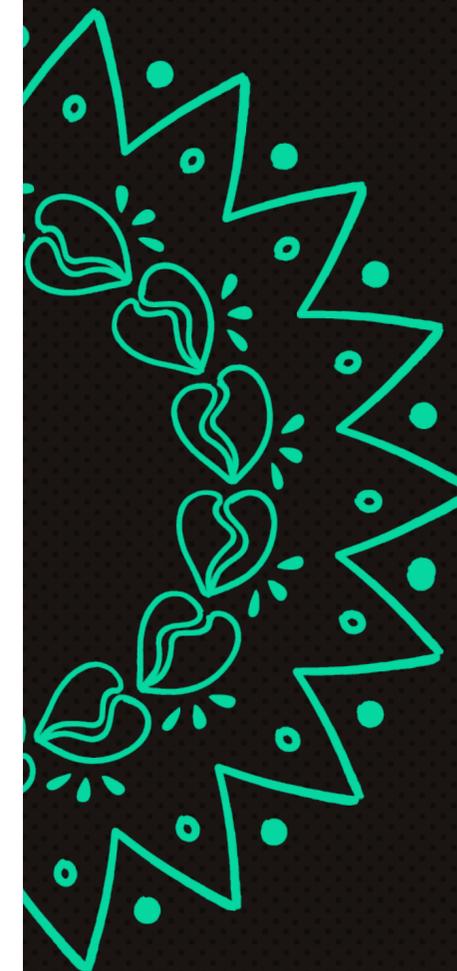
MANIFESTO

político que congrega a defesa da cidadania negra no país. Não há democracia sem enfrentar o racismo, a violência policial e o sistema judiciário que encarcera desproporcionalmente a população negra. Não há cidadania sem garantir redistribuição de renda, trabalho, saúde, terra, moradia, educação, cultura, mobilidade, lazer e participação da população negra em espaços decisórios de poder. Não há democracia sem garantias constitucionais de titulação dos territórios quilombolas, sem respeito ao modo de vida das comunidades tradicionais. Não há democracia com contaminação e degradação dos recursos naturais necessários para a reprodução física e cultural. Não há democracia sem o respeito à liberdade religiosa. Não há justiça social sem que as necessidades e os interesses de 55,7% da população brasileira sejam plenamente atendidos.

O racismo deve ser rechaçado em todo o mundo. O brutal assassinato de George Floyd demonstra isso, com as revoltas, manifestações e insurreições nas ruas e a exigência de justiça racial. No Brasil, nos solidarizamos com essa luta e com esses protestos e reivindicamos justiça para todos os nossos jovens e para a população negra. E, entre muitos que não podemos esquecer, João Pedro presente!

Em nosso passado, formamos quilombos, forjamos revoltas, lutamos por liberdade, construimos a cultura e a história deste país. Hoje, lutamos por uma verdadeira democracia, exercício de poder da maioria, e conclamamos aqueles e aquelas que se indignam com as injustiças de nosso país.

Porque a prática é o critério da verdade."





FILMES

EXPERIÊNCIAS DO CORPO E DA FÉ religiosidade, estética e antirracismo

Joãosinho da Goméa – O Rei do Candomblé

Documentário, Brasil, 2019, 14 minutos



Sinopse

O filme apresenta Joãosinho da Goméa como narrador principal de sua história, com músicas cantadas por ele, performances provocadoras e arquivos diversos que ressaltam o sua importância para as religiões de matriz africana. A Rainha Elizabeth II disse que se o candomblé tivesse um rei, seria Joãosinho da Goméa, o Rei do Candomblé.

Ficha técnica

- Produção Executiva: Rodrigo Dutra
- Produção: Carolina Braga
- Roteiro e Direção: Janaina Oliveira ReFem e Rodrigo Dutra
- Diretor de Fotografia: Alexandre Rosa
- Direção de Arte: Coletivo
- Ator: Átila Bezerra
- Voz: Victor Ferreira
- Pesquisa: Janaina Oliveira ReFem, Rodrigo Dutra, Tais Noronha e Uilton Oliveira

- Montagem: Walter Madeira
- Correção de Cor: Zéca Vieira
- Foto Still: Zéca Vieira
- Iluminação: Jon Thomaz
- Som Direto: Lu Brasil
- Desenho de Som: Marcelinho Ferreira
- Maquiagem: Marcos Tavares
- Cenotécnica: Maria de Jesus Lima
- Arte Gráfica: Lucas Bileski
- Costureiro: Marcos de Araujo
- Catering: Marina Dutra
- Assistente de Direção: Uilton Oliveira
- Assistente de Produção: Marina Nery
- Primeiro Assistente de Câmera: Felipe Carvalho
- Segundo Assistente de Câmera: Jon Thomaz
- Motoristas: Antonio Marques e Ezequiel Dutra
- Segurança: Laelson Batista
- Tradução: Carol Vilamaro (inglês), Laura Menassé (espanhol) e Andurá HeZain Melo Eiko (francês)
- Legendagem: Carol Vilamaro (inglês), Janaina Oliveira ReFem (espanhol) e Uilton Oliveira (francês)
- Empresa Produtora: Dunas Filmes
- Finalização em DCP: Dunas Filmes

Cavalo

Documentário, Brasil, 2020, 85 minutos



Sinopse

Envolvidos num processo artístico, sete jovens dançarinos são provocados a um mergulho em suas ancestralidades.

Ficha técnica

- Roteiro e direção: Rafhael Barbosa e Werner Salles Bagetti
- Preparação de elenco: Glauber Xavier e Flávio Rabelo
- Direção de produção: Adriana Manolio
- Produção executiva: Valeska Leão
- Assistência de produção: Renah Roxo Berindell
- Som direto: Simone Dourado
- Direção de arte: Nina Magalhães e Weber Salles Bagetti
- Montagem: Werner Salles Bagetti e João Paulo Procópio
- Direção de fotografia: Roberto Iuri
- Assistência de câmera: Chapola Silva
- Edição e mixagem de som: Lucas Coelho
- Finalização: Gabriel Çarungaua
- Assistência de direção: Guilherme César
- Iluminador: Moab de Oliveira Santos
- Trilha sonora original: Luciano Txu
- Elenco: Alexandra Constantino, Evez Roc, Joelma Ferreira, Leide Serafim Olodum, Leonardo Doullennerr, Robert Maxwell e Sara de Oliveira.





FILMES

EM DEFESA DA VIDA
direito ao território e ao modo de viver

A Sússia

Documentário, Brasil, 2018, 17 minutos



Sinopse

Ao som de caixas, pandeiros e bumbos, mulheres e homens de todas as idades cantam, tocam, batem palmas, dançam, recriam as tradições e recontam sua própria história na Comunidade Quilombola Lagoa da Pedra.

Ficha técnica

- Roteiro, produção e direção: Lucrecia Dias
- Diretor de fotografia: Rafael Mazza
- Técnico de som: Greco Nogueira
- Consultor de roteiro e assistente de direção: André da Costa Pinto
- Produtora de set: Patricia Cortes
- Editora: Márcia Medeiros, edt.
- Assistente de edição: Felipe Romero
- Imagens adicionais: Lucrecia Dias
- Fotógrafo still: Gustavo Louzada
- Colorista: Glauco Guigon (Yellow Bunker)
- Editor de áudio e mixagem: Bernardo Gebara
- Arte do título: Analúcia Godoi
- Assistente: Gustavo Miaciro

Entremarés

Documentário, Brasil, 2018, 20 minutos



Sinopse

No chão de lama, mulheres compartilham os seus vínculos e vivências com a maré, a pesca, e a Ilha de Deus.

Ficha técnica

- Realização / Distribuição: Tarrafa Produtora
- Roteiro e Direção: Anna Andrade
- Assistente de Direção: Caio Sales
- Direção de Produção: Caio Sales, Laura Martinez
- Produção Executiva: Daniela Azevedo
- Assistente de Produção: Josuel Moriarty
- Edição: Caio Sales
- Direção de Fotografia e Colorista: Adalberto Oliveira
- Assistente de Fotografia: Catharine Pimentel
- Operador de Drone / Imagens Aéreas: Alex Costa
- Fotografia Still: Aline Sales, Bruna Belo, Mariana Medeiros
- Som Direto: Lucas Caminha
- Som Direto Adicional: Catharine Pimentel
- Desenho de Som e Mixagem: Lucas Caminha, Nicolau Domingues
- Trilha Sonora: Hugo Coutinho, Iezu Kaeru
- Poesia e Narração: Gabrielle Vitória (Luna Vitrolira)
- Ilustração / Desing: Diego Akel, Francimone Campos
- Autoração DVD e Blu Ray: Rebeka Tenório
- Finalização em DCP: Adelmo Tenório
- Logística: Thiago Rodrigues
- Elenco: Ginha, Rita, Sandra

Nhemongueta Kunhã Mbaraete

Documentário, Brasil, 2020, 203 minutos



Sinopse

O projeto Nhemongueta Kunhã Mbaraete é uma troca de vídeo-cartas entre três mulheres indígenas e uma não-indígena, sob a perspectiva afetiva, etnofilosófica e crítica perante o processo atual de isolamento social e o universo que as permeia.

Conversas n.1

De Michele para Sophia / De Graciela para Patrícia / De Patrícia para Michele / De Sophia para Graci

Conversas n. 2

De Michele para Patrícia / De Graciela para Sophia / De Patrícia para Graciela / De Sophia para Michele

Conversas n. 3

De Michele para Graciela / De Graciela para Michele / De Patrícia para Sophia / De Sophia para Patrícia

Conversas n. 4

De Michele para Graciela, Sophia e Patrícia / De Graciela para Patrícia, Sophia e Michele / De Patrícia para Graciela, Michele e Sophia / De Sophia para Graciela, Michele e Patrícia

Ficha técnica

- Direção, fotografia e roteiro: Michele Kaiowá, Graciela Guarani, Patrícia Ferreira Pará Yxapy e Sophia Pinheiro
- Montagem: Alexandre Pankararu e Fábio Costa Menezes
- Produção e comunicação visual: Sophia Pinheiro
- Obra Comissionada por Instituto Moreira Salles - Programa IMS Convida



FILMES

ÁRVORE DA MEMÓRIA

busca da ancestralidade e combate ao apagamento e à invisibilidade

Pontes Sobre Abismos

Documentário, Brasil, 2017, 8 minutos



Sinopse

Instigada pela revelação de um segredo de família, Aline partiu em uma jornada à procura de vestígios de seus antepassados. Ela viajou para áreas rurais no Rio de Janeiro, em Minas Gerais, Portugal e Serra Leoa, pesquisando em arquivos públicos e privados e, ao mesmo tempo, criando uma contra-narrativa do que geralmente se conta sobre a forma como as famílias brasileiras foram formadas. Com base em suas experiências pessoais, o trabalho pretende discutir questões como o racismo, as formas usuais de representação, a noção de pertencimento e identidade em uma sociedade que ainda tenta um ajuste de contas com sua história violenta e as noções românticas de sua louvada miscigenação.

Ficha técnica

- Direção: Aline Motta
- Fotografia: Aline Motta
- Câmera: Aline Motta

- Câmera adicional: Bruno Elisabetsky
- Edição: Fernando Lima
- Videografismo e Finalização: Rafael Longo
- Captação e Edição de Som: Bruno Elisabetsky
- Trilha sonora: Aline Motta e Bruno Elisabetsky
- Músico convidado: Ari Colares
- Pesquisa: Aline Motta
- Pesquisa genealógica: Aline Motta e Marcos Machado

Raízes

Documentário, Brasil, 2020, 72 minutos



Sinopse

Em busca de suas raízes, Kelton resgata a ancestralidade de sua família e se depara com o apagamento da história do povo negro brasileiro.

Ficha técnica

Maloka Filmes apresenta

- Direção: Simone Nascimento e Well Amorim
- Elenco Principal: Kelton Santos
- Roteiro: Carlos De Nicola, Simone Nascimento e Well Amorim
- Produção Executiva: Nayana Ferreira e Wellington Amorim
- Dir. Fotografia: Nay Mendl
- Op Câmera: Gabriel Arruda, Mary Abrantes, Nay Mendl e Wellington Amorim
- Elétrica: Stephanie Modesto e Tatiane Ursulino
- Produção: Bruna Lima, Larissa Castanha, Nayana Ferreira
- Dir Arte: Bruna Lima
- Som Direto: Adller Oliveira, Carlos De Nicola e Ivan Salomão
- Montagem: Nay Mendl
- Ass Montagem: Rosa Caldeira
- Mixagem e Masterização: Carô Petersen
- Color Grading: Clau Rossatti
- Social Media: Victoria Alves
- Arte Logo: Amanda Daphne



FILMES

Travessia

Documentário, Brasil, 2017, 5 minutos



Sinopse

Num ensaio visual íntimo e poético, Travessia procura registros fotográficos de famílias negras. Enquanto explora histórias pessoais, o filme gradualmente adota uma postura crítica em relação à estigmatização e quase ausência de retratos de pessoas negras. Finalmente, nos afetando com uma contra-narrativa visual sensível do que permaneceu invisível.

Ficha técnica

- Direção; roteiro; montagem; produção; som: Safira Moreira
- Assistente de produção: Caíque Mello e Tuanny Medeiros
- Fotografia e câmera: Caíque Mello

Yellow Fever (Febre Amarela)

Documentário de animação, Quênia/Reino Unido, 2012, 7 minutos



Sinopse

Uma exploração do sentimento de desconforto. A partir de lembranças e entrevistas, o filme foca a autoimagem de mulheres Africanas e a busca quase esquizofrênica pela beleza imposta pela mídia.

Ficha técnica

- Direção: Ng'endo Mukii
- Animação: Ng'endo Mukii
- Design: Ng'endo Mukii
- Trilha sonora original: Kadialy Kouyate
- Som: Ng'endo Mukii, James Hynes.
- Pós-produção de som: The Sound Directors, London.
- Mixagem de som adicional: Mike Wyeld
- Narração: Ng'endo Mukii
- Entrevistas: Margaret Njeri Mereka, Abriana Njeri
- Dançarinas: Chipu Kureya, Sam Nokuzola Moyo, Fumy Opeyemi
- Diretor de fotografia: Alex MacNaughton
- Stop motion: Alex MacNaughton
- Edição: Ng'endo Mukii
- Assistentes de set: Mirjam Baker, Soledad Aguilla
- Runner: Christine Ndirangu
- Dublagem: Christine Hooper, Josh Wedlake
- Rotoscópio: Yu Yu
- Cartaz: Lillian Fang



FILMES

MUROS DO RACISMO

estruturas e fronteiras geográficas, materiais e simbólicas

Filhas de Lavadeiras

Documentário, Brasil, 2019, 14 minutos



Sinopse

O documentário apresenta histórias de Mulheres Negras que, graças ao trabalho árduo de suas mães, puderam ir para escola e refazer os caminhos trilhados pelas suas antecessoras. Suas memórias, alegrias e tristezas, dores e poesias se fazem presente como possibilidades de um novo destino, transformando o duro trabalho das lavadeiras em um espetáculo de vida e plenitude.

Ficha técnica

- Elenco: Neide Rafael, Benedita da Silva, Ruth de Souza, Neusa das Dores Pereira, Elisabete Martins da Silva Gonçalves, Maria José de Souza, Hellen Rodrigues Batista, Rosangela Rodrigues Batista, Iris Marques Patricio de Oliveira, Magna Marques de Jesus Oliveira, Conceição Evaristo, Mary France de Deus, Angela Donizete Batista de Deus, Maria Goretti dos Santos e Ivonete Nunes Rodrigues dos Santos

- Diretora e Roteirista: Edileuza Penha de Souza
- Produção Executiva: Ruth Maranhão
- Diretor de Produção: Marcus Azevedo
- Fotografia: Waldir Pina e Ana Carolina Matias
- Direção de Arte: Lia Maria dos Santos
- Som Direto: Nathália Mendes Trindade e Juciele Fonseca Correia
- Edição e Montagem: Ádon Bicalho
- Coloração e Mixagem de Som: Diego Cajueiro
- Direção Musical: Edson Arcanjo
- Trilha Sonora Original: Layla Jorge e Marcelo Café
- Arranjo Musical: Edson Arcanjo

Ipallpá

Documentário, Brasil, 2021, 6 minutos



Sinopse

Ipallpá (efeito e força) é uma reflexão sobre ser mulher, negra, moradora da periferia e liderança durante a pandemia e sobre como evitar o efeito dominó disparado pelo Covid-19.

Ficha técnica

- Roteiro, Produção e Direção: Thais Scabio
- Imagens e edição: Thais Scabio e Gilberto Caetano
- Entrevistadas: Ya Luciana de Oya, Luana Vieira, Olga Franco e Zulmira Fonseca
- Imagens de arquivo pelas participantes e familiares: Thiago Fernandes/UNEAFRO, Lar Maria Sininha e Comitê de Luta Cidade Ademar Pedreira
- Imagens das manifestações cedidas por moradores não identificados por proteção.





FILMES

Sementes: Mulheres Pretas no Poder

Documentário, Brasil, 2020, 105 minutos



Sinopse

Em resposta à execução de Marielle Franco, as eleições de 2018 se transformaram no maior levante político conduzido por mulheres negras que o Brasil já viu, com candidaturas em todos os estados. No Rio de Janeiro, Mônica Francisco, Rose Cipriano, Renata Souza, Jaqueline de Jesus, Tainá de Paula e Talíria Petrone se candidataram aos cargos de deputada estadual ou federal. O documentário acompanhou essas mulheres, em suas campanhas, mostrando que é possível uma nova forma de se fazer política no Brasil, transformando o luto em luta.

Ficha técnica

- Direção: Éthel Oliveira e Júlia Mariano
- Produção Executiva: Júlia Mariano | Noix Cultura
- Roteiro: Éthel Oliveira, Helena Dias, Júlia Mariano e Lumena Aleluia
- Direção de Fotografia: Marina Alves
- Direção de Arte: Julia Rocha
- Coordenação de Produção: Helena Dias
- Montagem: Mariana Penedo, edt.

- Montagem Adicional: Gabriela Paschoal, edt.
- Som direto: Anne Santos, Irla Franco e Vitória Parente
- Edição de Som: Simone Alves
- Trilha Sonora Original: Maíra Freitas
- Mixagem: Daniela Pastote
- Assistente de Produção Executiva: Júlia Araújo
- Produção Brasília: Camilla Shinoda
- Fotografia Adicional (Brasília): Carol Matias, David Alves
- Som direto Adicional (Brasília): Juciele Fonseca
- Distribuição: Embaúba Filmes
- Distribuição de Impacto: Taturana Mobilização Social
- Classificação indicativa: 14 anos

Travessia

Documentário, Brasil, 2019, 52 minutos



Sinopse

Gloriane e Jacqueline são imigrantes haitianas que vivem em Manaus. Enquanto Jacqueline se mantém no novo país às custas da sua pacata venda, Gloriane faz o possível para conseguir os documentos necessários para retornar ao Haiti. Sozinhas, mãe e filha percorrem um longo caminho para trazer parte de sua família para o Brasil.

Ficha técnica

- Direção: Elen Linth e Riane Nascimento
- Roteiro: Elen Linth
- Direção de Fotografia: Elen Linth
- Direção de Som: Riane Nascimento
- Produção executiva: Sarah Pimentel
- Montagem, correção de cor e finalização: João Gabriel Riveres
- Edição de diálogos: Rafael Faustino
- Edição de efeitos: Matheus Miguens
- Mixagem: Victor Quintanilha
- Direção de Produção: Chantal Durpoix
- Assistente de Produção: Katriane Lestão
- Produtor de pesquisa: Jailes Pimentel
- Maquinaria: Marcos Nascimento
- Produtora: Eparrêi Filmes
- Personagens Principais: Gloriane Antoine Aimable | Jacqueline Marseille



FILMES

Thinya

Ficção, Brasil, 2019, 16 minutos



Sinopse

Minha primeira viagem ao Velho Mundo. Minha fantasia aventureira pós colonial.
[Um discurso muda uma imagem?]

Ficha técnica

- Realização: Cinecão
- Roteiro e Direção: Lia Letícia
- Narração: Thinya Fulni-ô (Maria Pastora)
- Produção Executiva, Consultoria de Roteiro e Direção de Produção: Clarice Hoffmann
- Direção de Fotografia: Francisco Baccaro
- Montagem: André Sampaio
- Design de Som e Som Direto: Thelmo Cristovam
- Trilha Sonora Original: Claudio N
- Edição de Som e Mixagem: Nicolau Domingues
- Colorista: Pablo Nóbrega
- Tradução para Yaathê: Raryson de Freitas e Txale Fulni-ô (Djalma Marques)
- Revisão de Tradução: Wilke Torres de Melo
- Ilustrações e Design Gráfico: Daniela Brilhante
- Assistência de Direção: Caio Sales e Tayho Fulni-ô (Bruno Matos)

- Assistência de Produção: Mia Aragão e Nodjadja Fulni-ô (Expedito Lino)
- Assistência de Montagem: Bia Baggio e Pedro Kiua
- Assistência de Set: Maktxoso (Marciana Souza Torres) e Thales Ferreira
- Assistente de Edição de Som: Caio Domingues
- Músicos (Música Incidental)
- Maraca e Voz: Djik Fulni-ô (Cícero de Brito)
- Buzo: Naltxowa (Manoel Sarapó dos Santos)
- Buzo: Fitxya (Francisco Ribeiro da Silva)
- Voz: Madjonkya (Jairlene Ferraz de Siqueira)
- Voz: Yoonahle (Cilene Amorim)
- Voz: Lidiene Amorim
- Vozes em alemão: Karin Von Schmalz
- Audiodescrição: Com Acessibilidade Comunicacional
- Masterização: dubColor
- Autoração: Unimaster



FILMES

VIDAS NEGRAS IMPORTAM violência de Estado e genocídio da população negra

Entre Nós e o Mundo

Documentário, Brasil, 2019, 17 minutos



Sinopse

Um retrato emocional do momento de vida de Erika, moradora da Vila Ede. Um de seus filhos adolescentes foi recentemente assassinado em uma abordagem policial e agora está preocupada com o outro, que hoje tem 17 anos e segue vivendo no mesmo bairro. Erika está grávida. O medo, a dor e a alegria se misturam demais na periferia de São Paulo.

Ficha técnica

- Direção: Fábio Rodrigo
- Roteiro original: Fábio Rodrigo
- Fotografia: Rodolfo Figueiredo
- Edição: Caroline Neves
- Compositor de la música original: Pedro Santiago
- Som: Juliana Santana; Henrique Gentil ;Luana Santos
- Edição de Som: Glauber Alves
- Mixagem: Allan André
- Diretor de Arte: Caroline Neves

Eu Pareço Suspeito?

Documentário, Brasil, 2018, 27 minutos



Sinopse

Entre enquadros, prisões, invisibilidade, racismo e mortes muito próximas, o diretor inverte a lente e busca entender os motivos do seu estereótipo ser considerado suspeito.

Ficha técnica

- Direção: Thiago Fernandes
- Produção Executiva: Carla Zulu
- Direção de Produção: Érika Brazzil
- Direção de Fotografia: Fábio Cabeloduro
- Assistente de Fotografia e Câmera: John Fernandes
- Imagens adicionais: Caio Castor, Pedro Borges, Sp2
- Som Direto: Evandro De Souza
- Desenho e Mixagem de Som: Wanderson Mendonça
- Argumento: Gildean Silva Panikinho
- Pesquisa: Gildean Silva Panikinho e Oswaldo Faustino
- Edição e Finalização: Tiago A. Neves
- Música: Wanderson Mendonça e Dj Preto El
- Mídia Social e Elenco de Apoio: Dani Myrah
- Tradução: Zózimo Adeodato
- Contador: Levy Wilson Roberto

- Entrevistados (por ordem de aparição): Bob Controversista, Mara Araújo, Allyne Andrade, Bruno Paes Manso, Alexandre Felix, Débora Silva e Oswaldo Faustino
- Depoimentos: Suzane Jardim, Thais Rosa e Adriana De Cassia

O Bocado da Cova da Moura que há em Nós

Documentário, Portugal, 2014, 21 minutos



Sinopse

Um pequeno documentário feito sobre o Bairro Cova da Moura, situado na Linha de Sintra, município da Amadora - uma das maiores e mais antigas comunidades de população negra existentes na área metropolitana de Lisboa. Um grupo de jovens moradores da zona se juntou para contar um pouco sobre a realidade em que vivem e as expectativas que possuem sobre o futuro, deles e do bairro.

Ficha técnica

- Roteiro, produção e direção: Edson Diniz e Edu Semedo
- Diretor de fotografia: Roque G
- Edição: Edson Diniz e Edu Semedo



FILMES

O Caso do Homem Errado

Documentário, Brasil, 2017, 77 minutos



Sinopse

O documentário conta a história do jovem operário negro Júlio César de Melo Pinto, que foi executado pela Brigada Militar, nos anos 1980, em Porto Alegre. O crime ganhou notoriedade após a imprensa divulgar fotos de Júlio sendo colocado com vida na viatura e chegar, 37 minutos depois, morto a tiros no hospital. O filme traz o depoimento de Ronaldo Bernardi, o fotógrafo que fez as imagens que tornaram o caso conhecido, da viúva do operário, Juçara Pinto, e de nomes respeitados da luta pelos direitos humanos e do movimento negro no Brasil. Além do caso que dá título ao filme, a produção discute ainda as mortes de pessoas negras provocadas pela polícia. A Anistia Internacional, inclusive, fala de genocídio da juventude negra devido ao grande número de jovens negros assassinados pelas forças de segurança no País.

Ficha técnica

- Direção: Camila de Moraes
- Empresa Produtora: Praça de Filmes
- Roteiro: Camila de Moraes, Mariani Ferreira e Maurício Borges de Medeiros
- Produção Executiva: Camila de Moraes e Mariani Ferreira
- Elenco: (Depoentes) Juçara Pinto, Paulo Ricardo de Moraes, Ronaldo Bernardi, Luiz
- Francisco Corrêa Barbosa, João Carlos Rodrigues, Jair Kirschke, Edilson Nabarro,
- Renato Dornelles, Paulo Antônio Costa Corrêa, Waldemar Moura Lima, Vera Daisy
- Barcellos, Romeu Karnikowski, Aline Kerber
- Direção de Fotografia: Maurício Borges de Medeiros
- Direção de Arte: (Não tem)
- Trilha Musical: Rick Carvalho
- Montagem: Maurício Borges de Medeiros
- Som Direto: Cleverton Borges
- Desenho de Som: Guilherme Cássio dos Santos



FILMES

OUTRAS HISTÓRIAS POSSÍVEIS

direito ao território e ao modo de viver memória e história: vozes e disputas de narrativas

Arriaga

Drama, Portugal, 2019, 24 minutos



Sinopse

Nas margens de Lisboa, Arriaga, um jovem de 25 anos, vindo de uma família de imigrantes de classe média, caminha solitário pelas ruas silenciosas e enrugadas por vícios da noite. Arriaga lida com o seu alter-ego autodestrutivo para ser aceite entre os jovens do seu bairro. O preço a pagar pelo devido respeito entre os arremessados marginais do bairro pode custar a vida a Arriaga, que sonha em ser um mártir à margem da sociedade inspirando-se nas lendas de Tupac, Notorious BIG, NAS, WU-TANG Clan. Tudo acontece num único lugar, tudo gira em torno de um único momento, o que é suspeito só o inesperado pode descortinar.

Ficha técnica

Direção, Argumento e Realização: Welket Bungué
Produção: KUSSA, ARRANCA
Direção de Fotografia: Nuno Casanovas

Direção de Som: Rui Bentes
Assistente de Realização: Ana Mariz
Assistente de Imagem: Felipe Drehmer
Operadores de Câmera: Felipe Drehmer, Nuno Casanovas
Pós-Produção Áudio: Rui Bentes
Montagem e Edição: Felipe Drehmer
Trilha Sonora Original: Lucy ODC Gang, Dambù, Lalas 49 Zone
Direção de Arte: Paulo Valente
Figurino: Paulo Valente
Assistente de Figurino e Caracterização: Patrícia Ameixal
Assistente de Produção: Margarida Andrade, Zé Luís
Cartunista: SAMA
Design Gráfico e Animação: Philip Nauck
Finalização: Nuno Casanovas
Direção de Produção: Welket Bungué
Produtor: André Lourenço
Produção Executiva: André Lourenço, Welket Bungué

Bastien

Drama, Portugal, 2016, 20 minutos



Sinopse

Bastien é a história de um jovem de 24 anos, que cresceu numa Instituição e há seis anos regressou a casa da sua família de acolhimento. Vive com o irmão mais novo Zezito e sua avó adotiva, Dona Angustina. Vivendo no fio da navalha, Bastien depende de um mundo ingrato e degenerado. Entre sonhos que se desmoronam e vidas que se salvam, temos um bairro estéril como pano de fundo desta história vivida entre dois irmãos e um destino infecundo que atravessa os seus caminhos.

Ficha técnica

Argumento e Realização : Welket Bungué
Produção: ARRANCA PRODUÇÕES
Direção de Fotografia: Leandro Ferrão
Direção de Som: Júlio Pereira
Pós-Produção Áudio: André Do Áudio
Montagem e Edição: Gonçalo Rabiais e Elisabete Mendes
Trilha Sonora Original: Paulo Valente aka NEARFIELD
Direção de Arte: Raquel Laranjo
Figurino: Damara Ingles
Caracterização: Vera Caldeira
Direção de Produção: Gonçalo Pelágio
Produtor: André Lourenço



FILMES

Chico Reis Entre Nós

Documentário, Brasil, 2020, 94 minutos



Sinopse

Chico Rei foi um rei congolês que se tornou escravo e libertou a si mesmo e a seus súditos durante o Ciclo de Ouro em Minas Gerais. Sua história é o ponto de partida para explorar os diversos ecos da escravidão brasileira na vida dos negros de hoje em dia, entendendo seu movimento de autoafirmação e liberdade a partir de uma perspectiva coletiva.

Ficha técnica

Direção: Joyce Prado
Roteiro: Natália Vestri e Joyce Prado
Direção de Fotografia: Nuna Nunes
Técnica de som: Evelyn Santos
Edição: Tatiana Toffoli
Edição de som: João Victor Santos
Correção de cor: Henrique Raganatti
Produção: André Sobral
Produção Executiva: Juliana Vedovato e Laura Barzotto
Trilha sonora original: Sérgio Pererê com uma faixa por Emicida
Produtora: Abrolhos Filmes

Dor Fantasma: Uma carta a Henry A. Kissinger (Phantom Pain. A letter to Henry A. Kissinger)

Documentário, Angola, 2020, 8 minutos



Sinopse

Inteiramente filmado na rua onde o artista cresceu, Phantom Pain é uma carta de Kiluanji Kia Henda ao antigo Secretário de Estado dos Estados Unidos (1973-77), Henry A. Kissinger. De acordo com o oficial da C.I.A. John Stockwell, citado no filme, Kissinger ordenou a C.I.A., profundamente envolvida no apoio da invasão de Angola pela África do Sul, de "manter o conflito aceso". Kiluanji reconstrói as consequências reais de tais veredictos externos, brutais e revoltantes, através das suas recordações de infância, incluindo imagens do maior Centro Ortopédico em Luanda da altura, onde inúmeras próteses de membros atestam sofrimentos recentes.

Ficha técnica

Direção: Kiluanji Kia Henda
Voz: Lee Bogotá
Fotografia: Ery Claver and Evan Claver
Assistente de produção: Moisés Almeida (Ungé)
Editor: Lee Bogotá
Um filme comissionado por: HKW _ Haus der Kulturen der Welt
Produção: Kinoyetu

Eu Preciso Destas Palavras Escrita

Documentário, Brasil, 2017, 19 minutos



Sinopse

O passado de Arthur Bispo do Rosário é praticamente desconhecido. Sabe-se apenas que era negro, marinheiro e pugilista. Em 1938, é internado na Colônia Juliano Moreira após um delírio místico. Com diagnóstico de esquizofrenia paranoide, é iniciada sua peregrinação em busca do divino e da catalogação do universo.

Ficha técnica

Luciano Quirino é Arthur Bispo do Rosário
Argumento: Milena Manfredini
Direção e roteiro: Milena Manfredini
Direção de produção: Cavi Borges
Produção Executiva: Daniel Barbosa
Produção: Milena Manfredini
Pesquisa: Milena Manfredini
Direção de Fotografia: Vinícius Brum
Som Direto: Pedro Moreira e Babu
Montagem: Joana Collier
Direção de Arte e Figurino: Fátima Coppeli
Música: Gilberto Gil

